



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

CAMILA PORTO DE ATAIDE FORNER

**PROTAGONISMOS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: UMA
POÉTICA DAS ENCRUZILHADAS**

São Paulo
2025

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

CAMILA PORTO DE ATAIDE FORNER

**PROTAGONISMOS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: UMA
POÉTICA DAS ENCRUZILHADAS**

Dissertação apresentada à banca examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para a obtenção
do título de Mestre em Literatura e Crítica
Literária sob Orientação da Profª Drª Elizabeth
Cardoso

São Paulo
2025

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Olorum, pai maior que na relação com Exu me permite chegar até aqui. A minha ancestralidade que abre constantemente oportunidades para que eu honre o legado de luta e batalha.

A minha mãe, que pela firmeza de uma cabocla ensina que tudo é passageiro. A meu pai, que no meio desse percurso se torna uma ancestral. Pois malandro que é malandro sabe até a hora de se retirar. Saudade sempre pai.

A meu marido pelo apoio incondicional. A meu filho Augusto e meu neto Dante, que me ensinam todos os dias o caminho para que eu e torne uma centelha de Orixá.

Ao programa de Literatura e Crítica Literária da PUC SP que persiste na missão de fazer da literatura encantamento. A professora Elizabeth Cardoso por confiar nas minhas ideias.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é contribuir com a relevância dos estudos sobre literatura negra para crianças e a influência que a poética da diversidade oferece para o fortalecimento do protagonismo infantil. Referendada pela necessidade da contextualização com a realidade de diferentes infâncias, a literatura e a poética são campos que tem recebido nos últimos tempos diversos investimentos no que se refere a fundamentação teórica do desenvolvimento infantil e como os marcos de diferenças socioemocionais interferem na formação individual das crianças. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi utilizado como referencial teórico a obra *Pedagogia das Encruzilhadas*, de Luiz Rufino (2019), que nos indica o primado de criação da vida partindo de Exu, divindade iorubana, o mantenedor vital da vida, do movimento e da palavra sustenta uma pedagogia das encruzilhadas imbuída de possibilidades de enxergar o mundo é precedido de uma codificação de novas práticas para um novo mundo. Nesse sentido, o breve uso de diferentes aportes teóricos é utilizado de forma a realizar o encontro em encruzilhadas de ideias a fim de relacionar de Exu e as crianças. Para auxiliar na complexidade de compreensão, utilizamos a análise da obra literária *A luz de Aisha* de Aza Njeri e Luana Rodrigues (2021), demonstrando os diferentes caminhos mobilizadores da lógica de Exu, onde a lógica dicotômica e dualizada do mundo contemporâneo ocidental é descentralizada. Partimos da hipótese de que a literatura negra para crianças, colabora para que o desenvolvimento do protagonismo infantil na sociedade moderna e que por meio da pedagogia das encruzilhadas as crianças em suas diferentes manifestações de infância, podem ter acesso a diferentes eixos culturais relacionados às suas origens, para além da cultura ocidental. Para responder aos diversos mobilizadores, o trabalho foi dividido em três capítulos, onde o primeiro pretende desvelar a denominada lógica exúlica (baseada em Exu), com base em Leda Maria Martins (2023) e Edmilson Pereira (2022), a cultura manifesta em diversidade a partir dos pressupostos de Homi Bhabha (1998), Spivak (2010), Stuart Hall (2006) e Florentina de Souza (2006) e o conceito de pedagogia das encruzilhadas proposto por Luiz Rufino; o segundo capítulo intenta correlacionar a Pedagogia das Encruzilhadas, a literatura para crianças e a Sociologia da Infância que preconizam o lugar social da infância como direito a participação social ativa, sendo necessário o olhar para as individualidades das infâncias e suas diferenças. Recorremos nesse capítulo como principais teóricos Manuel Sarmento (2005), Suely Amaral (2007), Nilma Lino Gomes (2023), Celso Gutfreind (2014), Regina Dalcastagnè (2012) e Maria Aparecida Bento (2016); No terceiro capítulo realizamos a partir da obra *Pedagogia das encruzilhadas*, de Luiz Rufino, uma mediação literária da obra literária *A luz de Aisha*, de Aza Njeri e Luana Rodrigues onde o objetivo é demonstrar como a qualidade da literatura negra para crianças materializa o estímulo do desenvolvimento biopsicossocial das diferentes infâncias utilizando também pressupostos teóricos de: Bunseki Fu-Kiau (2024), Eliane Debus (2018), Leda Maria Martins (2021), Kabenguelê Munanga (2024), Jodar e Gomes (2002), Eduardo David de Oliveira (2012), Muniz Sodré (2017) Antônio Bispo dos Santos (2015) e Luiz Maurício de Azevedo (2021).

Palavras-Chave: Protagonismo negro. Ancestralidade. Cultura afrobrasileira. Exu. Infância.

ABSTRACT

This study aimed to contribute to the relevance of studies on black literature for children and the influence that the poetics of diversity offers for strengthening children's protagonism. Endorsed by the need for contextualization with the reality of different childhoods, literature and poetics are fields that have recently received several investments in terms of the theoretical foundation of child development and how socio-emotional differences interfere in the individual formation of children. For the development of this work, we used as a theoretical reference the book *Pedagogia das Encruzilhadas* (Pedagogy of Crossroads), by Luiz Rufino (2019), which indicates the primacy of the creation of life starting from Exu, a Yoruba deity, the vital sustainer of life, movement, and speech, who supports a pedagogy of crossroads imbued with possibilities for seeing the world, preceded by a codification of new practices for a new world. In this sense, different theoretical contributions are briefly used to bring together a crossroads of ideas, in order to relate Exu and the children. To assist in the complexity of understanding, we use the analysis of the literary work *A luz de Aisha* by Aza Njeri and Luana Rodrigues (2021), demonstrating the different mobilizing paths of Exu's logic, where the dichotomous and dualistic logic of the contemporary Western world is decentralized. We start from the hypothesis that black literature for children contributes to the development of children's protagonism in modern society and that, through the pedagogy of crossroads, children in their different manifestations of childhood can have access to different cultural axes related to their origins, beyond Western culture. To respond to the various mobilizers, this work was divided into three chapters, the first of which sought to unveil the so-called exulic logic (based on Exu), based on Leda Maria Martins (2023) and Edmilson Pereira (2022), culture manifested in diversity based on the assumptions of Homi Bhabha (1998), Spivak (2010), Stuart Hall (2006), and Florentina de Souza (2006), and the concept of pedagogy of crossroads proposed by Luiz Rufino. The second chapter sought to correlate the Pedagogy of Crossroads, children's literature, and the Sociology of Childhood, which advocate the social place of childhood as a right to active social participation, requiring a look at the individualities of childhoods and their differences. In this chapter, we drew on the main theorists Manuel Sarmento (2005), Suely Amaral (2007), Nilma Lino Gomes (2023), Celso Gutfreind (2014), Regina Dalcastagnè (2012), and Maria Aparecida Bento (2016). In the third chapter, based on Luiz Rufino's *Pedagogia das encruzilhadas* (Pedagogy of Crossroads), we conduct a literary mediation of the literary work *A luz de Aisha* (The Light of Aisha), by Aza Njeri and Luana Rodrigues. We aim to demonstrate how the quality of black literature for children stimulates the biopsychosocial development of different childhoods, also using theoretical assumptions from: Bunseki Fu-Kiau (2024), Eliane Debus (2018), Leda Maria Martins (2021), Kabengele Munanga (2024), Jodar and Gomes (2002), Eduardo David de Oliveira (2012), Muniz Sodré (2017), Antônio Bispo dos Santos (2015), and Luiz Mauricio de Azevedo (2021).

Keywords: Black protagonism. Ancestrality. Afro-Brazilian culture. Exu. Childhood

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa <i>A luz de Aisha</i>	59
Figura 2 – Aisha protagonista	59
Figura 3 – Aisha e o cotidiano	60
Figura 4 – Aisha e a família	61
Figura 5 – Comunidade	62
Figura 6 – Aisha e a mudança	63
Figura 7 – Aisha e a morte	65
Figura 8 – Aisha e o impacto da morte	66
Figura 9 – Aisha e o tempo	66
Figura 10 – Aisha e a ancestralidade	67
Figura 11 – Aisha e o plano	68
Figura 12 – Aisha e a noite	68
Figura 13 – Aisha e a esperança	70
Figura 14 – Aisha e o sono	71
Figura 15 – Aisha e o amanhecer	71
Figura 16 – Aisha com a luz e a sombra	73
Figura 17 – Luz, sombra e ancestralidade	73
Figura 18 – Confluência e Axé	74
Figura 19 – Ndongo	74
Figura 20 – Fragmentos de sol	75
Figura 21 – Vagalumes	77
Figura 22 – Sol interno	78
Figura 23 – Glossário	79
Figura 24 – Indicações de Leitura	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 EXU E A POÉTICA DAS ENCRUZILHADAS: CAMINHOS DE VIDA E OUTRAS ROTAS	10
1.1 EXU, ENCRUZILHADAS E AS POSSIBILIDADES DE PENSAR A VIDA SOCIAL.	17
1.2 PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS: POSSIBILIDADES SUBVERSIVAS NA AÇÃO DE EXU	21
1.3 LAROYÊ! MOJUBÁ! SALVE O Povo DA RUA	23
1.4 PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS E O COTIDIANO: NECESSIDADE DE CONTEXTUALIZAÇÃO AO CONTEMPORÂNEO.....	29
1.4.1 <i>Princípios políticos</i>	30
1.4.2 <i>Princípios Poéticos/Estéticos</i>	33
1.4.3 <i>Princípios éticos</i>	37
2 PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS E O PROTAGONISMO INFANTIL: LIÇÕES DE PROVOCAÇÃO AOS ADULTOS	43
2.1 DIFERENTES INFÂNCIAS E OS PRINCÍPIOS EXUSÍACOS COMO PRÁTICAS DE POTÊNCIA INFANTIL.....	46
2.2 PROTAGONISMO INFANTIL E A NECESSIDADE DE UMA LITERATURA NEGRA PARA CRIANÇAS.....	53
3 ANÁLISE TEXTUAL DE A LUZ DE AISHA: ENCONTROS DE CAMINHOS ABERTOS.....	55
3.1 MEDIAÇÃO LITERÁRIA E A MANIFESTAÇÃO DOS PRINCÍPIOS POLÍTICOS, POÉTICOS E ÉTICOS NA ENCRUZILHADA COM A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: A CONTRIBUIÇÃO DE A LUZ DE AISHA PARA A LITERATURA NEGRA PARA CRIANÇAS.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÉNCIAS.....	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

É sabido que o campo da literatura para crianças passa por um processo de grande expansão, em diversos aspectos até a materialização do livro-objeto. Um dos marcos principais é justamente a aproximação dessa literatura aos diferentes enredos sociais aos quais as crianças vivenciam e constroem, num mundo contemporâneo multifacetado onde novas formas de ser criança são desenvolvidas todos os dias. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é demonstrar como a literatura negra para crianças, na obra *A luz de Aisha* pode colaborar com os desdobramentos socioemocionais das crianças, quando resgatam elementos culturais de suas ancestralidades afro-brasileiras, para além da conhecida idealização ocidental.

Para colaborar com essa conceituação, partimos da fundamentação teórica da obra *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019), de Luiz Rufino, direcionada pela manifestação do Orixá Exu, como potência criadora da existência humana e os acontecimentos que surgem a partir desse primado da cultura iorubana. Nesse enredo, as encruzilhadas, definidas por Rufino como encontros de muitos caminhos e possibilidades, subvertem a monologia ocidental de controle e normatividade.

Sendo a encruzilhada uma das vertentes da manifestação de Exu, um panorama de senso ético é definido pela pedagogia das encruzilhadas, onde a primazia pela vida não é negociável. A existência da diversidade dos seres e a relação das encruzilhadas que são ligadas pela vida em seu sentido literal dialogam com a atual celeridade da formação de novas pessoas imbuídas do sentido de vida e pluralidade. Uma nova pedagogia, que envolve uma grande movimentação de caminhos trocados e cruzados entre quem divide e compartilha a vida.

Contudo, para reforçar tais princípios, o corpus deste trabalho parte da obra literária *A luz de Aisha*, de Aza Njeri e Luana Rodrigues. A obra, de 2021, promove o conceito de sol interno da filosofia Kindezi da região Congo Angola. Esse sol é entendido nessa cultura como a força vital que move as individualidades e as comunidades. Esse diálogo entre o eu individual e o comunitário, situado pelo nós, passa pela figura da criança-personagem Aisha e o protagonismo infantil que mobilizam a grande pulsão de vida na figura de sol. Como aporte analítico de uma literatura para crianças, *A luz de Aisha* vem de encontro a potência infantil em contraposição ao adultocentrismo, onde as crianças podem entrar em contato com diferentes literaturas, com base em diferentes eixos culturais – para além do ocidental.

Com o auxílio de Antônio Bispo dos Santos, Leda Maria Martins, Muniz Sodré, Luiz Rufino, Maurício Azevedo, Ellen de Lima Souza, Kabenguelê Munanga, e Bunseki Fu Kiau, realizaremos a análise textual da obra com foco na personagem principal, no intuito de responder algumas questões ligadas a contemporaneidade das infâncias: Como Aisha transita pelas encruzilhadas do protagonismo infantil, sendo essa permeada pela diversidade cultural, estética e sobretudo social, promovendo vivacidade para sua comunidade? Como Exu se manifesta nesses caminhos? Nos três capítulos em que se desenvolvem o trabalho, a relação entre os referenciais teóricos pré-definidos se apoia na compreensão de uma literatura negra para crianças potentes e contextualizadas com a contemporaneidade.

O II capítulo destina-se a conceituar a Pedagogia das Encruzilhadas, situando a cosmogonia de Exu como eixo fundante de vida-ação-palavra. Palavra essa inscrita pela cultura oral marginalizada que inspira transgressão, outra manifestação do Orixá das encruzilhadas. O conceito de transgressão aqui elencado, parte do conceito de Exu que reúne todas as percepções como possibilidades ontológicas de enxergar o mundo. Profundamente ligado à potência da infância e sua manifestação transgressora à lógica dos adultos, urge a necessidade de enxergá-las com a amplitude e intenção de fato humanizada, distanciando a infância do lugar de vigor. Exu, simbolizado como a própria pulsão de vida aloca na relação com as diferentes infâncias, a transgressão temida pelo mundo adulto.

Enquanto adultos, as respostas prontas, o entendimento formal e as convenções sociais no fundo nos protegem de um amplo e diverso universo da infância que procuramos evitar. O inusitado, confunde a lógica do adulto ocidental que é marcado pela necessidade de estabilidade. Porém o mundo é cercado de água, terra, chão, pedras, matas e caminhos. Caminhos que se entrecruzam em uma gama infinita de informações e possibilidades, vividos e sentidos pelas crianças e suas diferentes formas de viver a infância. Nesse emaranhado de potência criativa, os princípios da pedagogia das encruzilhadas instauram a pulsão de vida-movimento vislumbrada por Exu, entrelaçando três caminhos fundamentais definidos como princípios políticos, poéticos e éticos, inspirados¹ na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Nesse sentido, caminhos filosóficos e epistemológicos abarcam essa pedagogia conduzida pelo Orixá que orienta a “interação entre ordem e desordem” (RUFINO, 2017, p. 11), os princípios políticos dessas encruzilhadas de possibilidades serão tratados aqui a partir

¹ consideramos o termo inspiração afim de demonstrar que a pulsão de vida parte de Exu, cientes de que há problematizações a respeito da aplicabilidade da lei 10.639/03. Para saber mais a sugerimos o aprofundamento na obra *Infâncias Negras*, de Nilma Lino Gomes

das teorias de Stuart Hall na obra *Identidade cultural na pós-modernidade*, onde a posição de identidade nacional sob o ponto de vista ocidental é questionada, partindo do pressuposto que a colonização silenciou culturas que foram subalternizadas. Spivak (2010, p. 20), na obra *Pode o subalterno falar?* indica que “a produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente”. A partir dessa breve conceituação, pretendemos tratar das frestas que Exu percorre nesses sentidos, enquanto primado de defesa da vida.

Em se tratando da dimensão poética da Pedagogia das encruzilhadas, os caminhos percorridos nesse trabalho vão correlacionar as obras de Leda Maria Martins *Poéticas do Tempo Espiral*, Edmilson de Almeida Pereira *Entre Orfe(x)u e Exu Nouveaux* e Florentina da Silva Souza em *Texto, cor e histórias*, imbuídos do sentido de romper com roupagens engessadas do que representa ser a poesia. Se na BNCC essa dimensão é chamada estética, a transgressão da pedagogia das encruzilhadas subverte esse papel indicando que a estética não parte de um modelo preestabelecido por uma cultura, mas sim pela poesia existente em todas elas.

A dimensão ética entrecruzada com Exu, será dimensionada neste trabalho a partir das concepções elencadas por Nilma Lino Gomes em *Infâncias Negras*, ratificando o exercício da justiça cognitiva como primazia ética de existência e resistência da cultura, sobretudo direcionada às infâncias. Said Edward em *Orientalismo*, colabora para o questionamento das premissas éticas do ocidente e Oriente, marcada por interesses econômicos e territoriais. Nesse ponto, transita também Exu, nas encruzilhadas da demarcação da liberdade que “não reivindica verdades, mas sim possibilidades” (RUFINO, 2017, p. 49)

No capítulo III, Pedagogia das encruzilhadas e o protagonismo infantil: lições de provocações aos adultos, pretendemos articular as manifestações da potência de Exu, ao protagonismo e criatividade infantis, onde por meio da conceituação da Sociologia da Infância precedida por Suely Amaral Mello, Faria e Finco e Manuel Sarmento, como direito de participação e atuação como uma categoria específica da sociedade, as crianças possam ser e existir no mundo através da potência e protagonismo².

Desse modo, o acesso a sua própria ancestralidade versada por “sabedorias ancestrais assentes em uma gramática subalternizada ao longo do processo colonial” (RUFINO, 2017, p. 49) na figura de Exu e sua capacidade de transgredir a lógica humana, promove a energia de vida e de acesso das individualidades histórico-sociais. Por esse lado atua a literatura negra

² Entendido como diferentes formas de ser, estar e entender o mundo.

para crianças, carregados de uma filosofia da ancestralidade defendida por Eduardo David de Oliveira, Maria Aparecida Bento, e Regina Dalcastagnè, promove a investida dos caminhos das encruzilhadas de Exu, citado por Rufino como: “estatuto ontológico, epistêmico e semiótico da diáspora africana na medida em que é o princípio que instaura vida nos seres juntamente com as potências cognitivas construtoras das suas práticas de saber” (RUFINO, 2017, p. 57).

Por fim, o capítulo IV, versa a análise textual da obra literária *A luz de Aisha* de Aza Njeri e Luana Rodrigues situamos a personagem Aisha, nas dimensões políticas, éticas e principalmente poética e estética da *Pedagogia das Encruzilhadas*. Observamos que através da potência das suas ações esperançosas, Aisha fortalece a existência de sua comunidade. Nesse sentido, investimos no conceito da literatura negra para crianças que promovem “nas dobras da linguagem, a expansão do corpo e suas sapiências como princípio ético/estético da luta descolonial” (RUFINO, 2019, p. 76). Essa outra manobra transgressora de Exu, segundo Rufino (2017) questiona o afastamento do ser e saber instaurados pela dimensão única de mundo.

A pulsão de potência e criatividade infantil promove e versa sobre “uma pedagogia encarnada pelos princípios e potências de Exu” (RUFINO, 2017, p. 56), e articulam saberes entrelaçados entre os mais novos e mais antigos instigando criatividade e pulsão de vida. Na relação com esses argumentos, utilizamos da pluralidade holística, na análise da criança-personagem Aisha de Eliane Debus a partir da obra *A temática da cultura africana e afrobrasileira para crianças e jovens e Literatura infantil portuguesa e brasileira: Contributos para um diálogo multicultural*; e Muniz Sodré com a associação entre a poética do corpo e o axé na obra *Pensar Nagô*. Encerramos esse capítulo abordando algumas possibilidades de continuidade da dissertação nos rumos do doutoramento, discorrendo a respeito da literatura infantil africana e a correlação com os avanços da literatura negra para crianças no âmbito brasileiro.

1 EXU E A POÉTICA DAS ENCRUZILHADAS: CAMINHOS DE VIDA E OUTRAS ROTAS

No advento do contemporâneo, diversas têm sido as abordagens voltadas ao acesso das raízes da constituição dos povos originários brasileiros. Por esses caminhos, temos a forte predominância da cultura afro-brasileira, marcada pela instituição da lei 10.639/03, que estabelece o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas brasileiras, públicas e particulares, do ensino fundamental ao médio. Nesse sentido, este trabalho volta-se ao Orixá Exu, enquanto divindade da cosmogonia iorubana, constituinte da cosmopercepção de mundo. Comecemos pelo princípio, indicando o mito de fundação do mundo. Na cosmogonia iorubá, Ifá guarda as narrativas que explicam o mundo. Também conhecido como Orunmilá é correlacionado à sabedoria. Rufino (2020, p. 382) aponta que Orunmilá “é responsável pela memória dos seres, dos ancestrais e das divindades” além de interligar os diversos tempos e espaços presentes no mundo.

Sendo uma divindade que conduz as premissas de existência do mundo, precede os acontecimentos em diferentes dimensões, também nos aponta Rufino (2020), que Orunmilá é a premissa do pensamento poético dos mais de duzentos e cinquenta signos³, enquanto significados culturais que historicizam o conhecimento que se estende ao longo do tempo, desde a origem do mundo e a construção das comunidades até o ponto como conhecemos hoje. Essa divindade primordial tem também a temporalidade como componente de atuação nas perspectivas de ocupação de todas as dimensões entendidas como espaço e condição. Em se tratando da amplitude conceitual da cosmogonia iorubana, Rufino colabora para a profundidade da aplicação desses conceitos, ao instaurá-los como premissa ontológica, epistemológica e semiótica, para convocar a potência de Exu Ancestral, ou Yangi.

No aspecto ontológico, Rufino (2019, p. 24) aponta que Exu Ancestral é lido “como potência para um debate ontológico que transgrida os limites da supremacia branca e desloque a dimensão das existências e da realidade para outros horizontes.”. Em outras palavras, ele nos auxilia no entendimento da natureza radicalizada de todos os seres quando articula o atravessamento e o entrecruzar de dimensões temporais, transgredindo o marcador cartesiano instaurado pela colonialidade. Ainda de acordo com Rufino (2019), através de Yangi, podemos acessar diferentes presenças duais entendidas na sociedade atual como: “Humanidade x Raça, Existência x Não Existência, Brancos x Não Brancos”. Esse marco

³ Enquanto significados referentes ao conhecimento referente ao tempo naquela cultura.

divisório, sinalizado pela racionalidade, perpassa a formação das culturas, em especial aquelas que foram colonizadas e que ainda persistem nos dias de hoje em sustentar a cosmogonia que lhes é própria.

Stuart Hall (2003, p. 48), colabora com esse pensamento descentralizador da perspectiva ocidental quando preconiza: “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Podemos interpretar então que ao subverter a lógica entendida como senso comum ou cultura instaurada, Exu forma e transforma novas formas de encarar o cotidiano, imbuído da diversidade que inspire sentidos novos de realizar o que já fazemos. As formas como exercemos diferentes modos de ser e existir no mundo, precedem uma cultura, uma estrutura anterior, o que no sentido ocidental, são profundamente marcadas pela dualidade instaurada pela modernidade, o que também afirma Hall (2003, p. 49): “as diferenças regionais e étnicas⁴ foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto-político” do Estado-nação, que se tornou assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas”. Essa definição de teto político, é justamente o ponto de controle que o Estado-nação utiliza para estabelecer um “limite” aceitável para a manifestação do diverso, na contemporaneidade. Dessa forma, toda manifestação que vá além da subordinação, têm, no entendimento da cultura dominante, uma demarcação que sinaliza até onde a diferença pode chegar, desde que a predominância cultural comum e seus significados instaurados não sejam ameaçados.

Nesse sentido, Rufino (2019) indica que sendo a modernidade ocidental capitalista e a principal destituidora da vida de milhares de seres mediante processos de diferentes ações violentas, o que resta para as comunidades é comunicar a potência de sua cultura e suas raízes que permanecem resistindo. Aqui Yangi Ancestral, fornece sua dinâmica de potência e ação, nas perspectivas de espaço e diferentes condições, mesmo de quem tenha perdido a vida física. O desdobramento da versatilidade de Exu se distribui mais uma vez nas palavras de Rufino:

Exu. O meu lugar é de um ser cismado, praticante de frestas, que lança esse feitiço apalavrado de quebra de demanda e de abertura de caminhos [...] a encruzilhada guarda o poder da transmutação assim como faremos com Exu, que de cada pedaço picotado do seu corpo, se reconstruiu como um novo ser e se colocou a caminhar e a

⁴ as referidas diferenças regionais e étnicas serão correlacionadas a infância no capítulo 3, onde na encruzilhada com a sociologia da infância e seus desdobramentos são pulsão de vida infantil

inventar a vida enquanto possibilidade. Essa é a face de Yangi, o caráter primordial de Exu (RUFINO, 2019, p. 24).

Agindo nas dimensões em que deseja, segundo Rufino (2019): Exu transgride a história que tornou o conhecimento estigmatizado e linear, na tentativa de apagamento de ontologias enquanto existência e produções de cultura. Ao dividir-se e pedaços sua presença transcende a lógica dicotômica instaurada pela modernidade cindida pelo capitalismo. A premissa do caráter primordial de Exu é a possibilidade de vida através da diversidade, ou nas palavras de Rufino (2019, p. 25) “Exu nos possibilita pensar o presente de forma alargada, que nos permite também transgredir⁵ com a linearidade histórica que achata o presente”. Exu é nosso próprio ancestral, que se materializa da forma que deseja, sempre imbuído de pulsão de vida manifesta em diferentes caminhos.

Nesse ponto, podemos exemplificar a relação entre Exu e a modernidade, analisando um outro elemento da lógica exúlica, que é justamente o encontro das encruzilhadas. No sentido semântico, a encruzilhada definida basicamente como encontro de caminhos, toma aqui uma dimensão bastante alargada quando abordamos e manifestação de Exu. Martins (2021) indica que no campo filosófico, a encruzilhada é a relação entre sistemas de conhecimentos múltiplos, traduzido como um cosmograma onde os espíritos humanos circulam nas interseccionalidades. Ela aponta ainda que o pensamento cosmogônico negro é conduzido por essa definição de encruzilhada, possibilitando a realização da observação do trânsito de “práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim...” (MARTINS, 2021, p. 51).

Na concepção de Rufino (2019), a encruzilhada toma sentido de “boca do mundo”, onde o encontro de caminhos não possui limites de partida ou de chegada, abarcando infinidades de sentidos. Dada a complexidade dessa interpretação e a multiplicidade de encruzilhadas em que transitamos na contemporaneidade, tomamos novamente como pressuposto o que define Leda Maria Martins (2021)

A encruzilhada é um princípio de construção retórica e metafísica, um operador semântico pulsionado de significância, ostensivamente disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras de predominância nagô e naquelas matizadas pelos saberes banto. O termo encruzilhada, utilizado como operador

⁵ Veremos a manifestação dessa transgressão na perspectiva poética através da criança-personagem Aisha no capítulo 4.

conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação dos trânsitos sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registro, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. (MARTINS, 2021, p. 27)

Por conseguinte, a encruzilhada⁶ em sua constituição comunicativa alimenta toda uma rede metafísica, colaborando para o que se refere a expansão interpretativa das realidades. Em outras palavras é possível dizer que dotada de diferentes constituintes baseados em saberes culturais, a ação de Exu nas encruzilhadas articula com facilidade a cosmogonia ancestral, onde o trânsito dos saberes age pela troca intercultural. A questão que chama a atenção nas palavras de Martins, é que a amistosidade não é necessariamente presente nessa rede de comunicação. Chegamos a um ponto sensível da relação entre culturas, que é justamente a colonização e a tentativa de apagamento epistêmico da cosmogonia africana.

Na continuidade da explanação acerca da cosmogonia Iorubá, a partir do conceito de epistemologia e a contemporaneidade, Rufino (2019) aponta que diante da dificuldade com a resistência do cânone do mundo moderno, a insistência da apresentação de outras perspectivas epistemológicas e filosóficas que se deslocam do mundo ocidental têm sido amplamente investidas e destinadas a ampliação dos diferentes saberes sobre o mundo. Ele reforça a afirmação indicando que “o discurso científico moderno é limitado a saberes etnocentrados” (RUFINO, 2019, p. 39). Complementando o entendimento da ação manifesta pelo cânone, Pereira (2022, p. 25) explicita que: “o cânone se impõe como um mecanismo que sintetiza as vertentes de criação, orienta os procedimentos de interpretação e estabelece modelos de identidade cultural”. Tais afirmações indicam a prevalência do cânone ao instituir o que é o objeto preponderante da pretensa cultura ocidental, onde a resistência de outras etimologias urge como uma necessidade da modernidade.

Na relação com os saberes centralizados em uma cultura dominante e o potencial transgressivo de Exu, Spivak⁷ (2010), aborda o silenciamento das falas das minorias como uma estratégia da dominação do capitalismo a fim de sobrepor ao que denomina subalternos. No célebre livro *Pode o subalterno falar?* Spivak discorre acerca do pretenso projeto da lógica do apagamento epistêmico das populações entendidas como subordinadas. “Nos

⁶ O termo encruzilhada nesse trabalho, tem como objetivo relacionar todo e qualquer conhecimento de forma que construam possibilidades de diálogo.

⁷ nosso objetivo nesse trabalho não é aplicar a densidade conceitual de Spivak ao discutir Exu e as infâncias, mas sim, colocar o conceito de subalternidade na encruzilhada de saberes, a fim de demonstrar como a contribuição da sociologia colabora para o fazer transgressivo de todos os conhecimentos, inclusive os africanos e indianos, como é o caso da autora em questão.

estudos subalternos, devido à violência da inscrição epistêmica imperialista, social e disciplinar, um projeto compreendido em termos essencialistas deve trafegar em uma prática textual radical de diferenças.” (SPIVAK, 2010, p. 59)

Esse movimento de construção da figura de subalternidade pretensa a criação de diferenças, acentua as diferenças sociais a fim de definir lugares específicos aos atores sociais a partir do marcador classe econômica.

O subalterno é aquele que tem poder econômico inferior e necessita instaurar uma relação com o dominador para que tenha acesso ao recurso econômico destinado a sua sobrevivência e coexistência na contemporaneidade marcada pelo capital e a ordem dominante. No entanto, a relação de dominação não se resume aos interesses econômicos; o corpo do subalterno, Segundo Souza (2021, p. 147) é marcado como um “espaço fundamental na construção de representações majoritariamente negativas [...] com o objetivo de definir e fixar imagens e, consequentemente, lugares sociais”.

Essa figuração fortemente instaurada pelo sujeito dominante e discutida por diversos pontos de vista, é de fundamental importância para que possamos compreender que a lógica de apagamento das subjetividades é o exercício de fusão/divisão exercido pela colonialidade. É a quebra da amistosidade em ações de dominação e prevalência, no intuito de criar uma relação de subalternidade. Nessa relação entre dominado e dominante, onde as formas de conhecimento e epistemologias do dominado é pretensamente destinada ao apagamento, Exu assente com sua presença, com novas práticas de inscrição de vida e ampliação de horizontes de caminhos entrecruzados, onde escolhas são permitidas como estratégias de enfrentamento.

A esses caminhos, Rufino (2017, p. 17) denomina a primeira encruza como Pedagogia das Encruzilhadas, que frisa o intento de não substituição “do *norte* pelo *sul*, mas sim a transgressão, a partir do *cruzo*, das diferentes perspectivas”. A onipresença de Exu enquanto manifestação da Diáspora Africana, rompe com o sentido único de uma narrativa que pretende apagar saberes diversos que venham ameaçar o status dominante. Exu convoca a presença de diversas epistemologias que transitam entre encruzilhadas de compartilhamento.

Ligadas a essa pedagogia, a semiótica tratada aqui por Rufino (2019) como linguagem na perspectiva da cosmogonia Iorubá e nas gramáticas codificadas na diáspora, delibera Exu como símbolo de fartura e diversidade. Nesse sentido, a linguagem⁸ em suas diferentes manifestações sempre será utilizada como subversão ao movimento de dominação de um status que pretensa ser superior. Assim os jogos denominados por Rufino (2019, p. 39) como

⁸ incluímos aqui também a linguagem que permeia a comunicação com e entre as crianças.

“jogos ritualizados” utilizam das palavras como jogo e elemento de resistência “Exu emerge como potência para examinarmos os fenômenos constituídos no campo da linguagem, uma vez que é o comunicador por excelência” (RUFINO, 2019, p. 43).

Entendendo que a palavra revela as concepções individuais, quando atrelada ao movimento de resistência é Segundo Leite (1995, p. 105): “elemento desencadeador de ações ou energias vitais. De fato, ao ser dirigida para atingir determinados fins, interfere na existência [...] uma vez absorvida, pode provocar reações controláveis ou não”, indicam que uso das palavras inferem um profundo senso de responsabilidade no exercício de subversão.

Tomemos como base um exemplo da linguagem e o uso da palavra no campo do jogo ritualizado⁹⁸ na obra *Cadernos Negros volume 45 – poemas afrobrasileiros*:

Esquerda

*“Eu sou dessa esquerda
Quem é do Axé
Sabe qual é*

*sou dessa esquerda
daquele homem que anda elegante
e usa um lindo chapéu
sou dessa esquerda
em que uma linda cigana
com suas saias rodadas,
usa rosa vermelha e preta nos cabelos
e tem sempre rosa para nos ofertar
sou dessa esquerda
quem é do Axé
sabe quem é*

*falam de um tal chifre
feio que dói, adoram tanto ele
que falam pouco sobre a palavra
do seu Deus*

*sou dessa esquerda
que abre caminhos, traz amor, nos auxilia na cura
de doenças,
que não nos deixa sem emprego
deixem meu povo da esquerda em paz
e fiquem com seu satanás” [...]”*

“Esquerda”, (RIBEIRO, 2024, p. 112-113)

⁹⁸ veremos a manifestação do jogo ritualizado nos desdobramentos dos quatro eixos estruturantes da sociologia da infância no capítulo 3

O jogo ritualizado aqui apresentado através da palavra, indica alguns elementos dos fenômenos do cotidiano em que Exu atua. Falaremos brevemente sobre essas características nos atendo a transgressão e ao enfrentamento a colonialidade.

A primeira estrofe apresenta uma esquerda subvertendo a lógica cartesiana de lugar, substituindo a lateralidade para a presença-sabedoria conhecida por quem têm ciência do potencial de vida do Axé (falaremos a respeito desse conceito ainda neste capítulo). A segunda estrofe versa sobre homens e mulheres que conhecem a beleza e generosidade que possuem, inerente a quem pertence a pulsão do Axé. A terceira estrofe trata da subalternidade a qual Exu foi submetido pelo colonialismo sendo associado ao diabo cristão, diabo este sobre o qual é muito falado, deixando de lado o Deus católico. A quarta estrofe fala sobre a crença na esquerda, que pode auxiliar nos caminhos de vida, conduzida por Exu, no intuito de separar a dominação colonizadora da fé instaurada no Orixá das Encruzilhadas e sua complexidade.

Exu ao se desdobrar em múltiplas facetas, também no campo da palavra confere um aspecto de permeabilidade aos acontecimentos que subvertem a noção de tempo-espacó ocidentais:

Exu configura-se como potência dialógica, na medida em que pratica as fronteiras, pois não se ajusta a qualquer tentativa de controle ou de limite imposto. Exu não é o eu, nem o outro, ele comporta em si o eu e o outro e toda a possibilidade de encontro/conflito/diálogo entre eles. Por ser esfera que transpõe qualquer limite imposto, Exu é o próprio caminho compreendido como possibilidade, sendo assim um princípio inacabado (RUFINO, 2019, p. 44)

Por conseguinte, a associação de Exu no jogo ritualizado inscreve-se no termo encruzilhadas e seus derivados, encontros e desencontros, atribui a conceituação da prática de fronteiras dialógicas, partilha e transposição. Uma definição rígida do que é Exu, não cabe a prática ocidentalizada de acepção conceitual.

O que define Exu não cabe em um sim ou um não. Ele assente na possibilidade dos dois e na infinitude dos seus desdobramentos. É nos encontros das afirmações, negações e as demais dualidades que incorrem dessas premissas, que Rufino (2019) indica que as pluralizações atreladas a diversas formas de transgressão e resiliência, como a base da Pedagogia das Encruzilhadas. É a partir da comunicação, que Oliveira (2021) afirma que o encontro de Exu e as demais divindades do cosmo acontece. Responsável pelo diálogo, ele é o princípio de dinamismo de todo o universo da cosmogonia africana “Exu é a existência

individualizada, mas enquanto existência onipresente é universal; enquanto realidade fática, é singular em cada uma das suas expressões” (OLIVEIRA, 2021, p. 116).

Tratamos até aqui das premissas dessa Pedagogia que age através da diversidade dos encontros das Encruzilhadas, nos conduzindo a abundância de vida, onde a dualidade não pretensa ser combativa, mas carregada de possibilidades dialógicas. É o que pretendemos tratar a seguir, na abordagem do conceito de Axé como princípio vital de vida da cosmogonia iorubana, cultura como movimento descolonial e a pluriversalidade manifesta por Exu.

1.1 EXU, ENCRUZILHADAS E AS POSSIBILIDADES DE PENSAR A VIDA SOCIAL

A fim de inscrever a Pedagogia das Encruzilhadas, na dinâmica de um cotidiano plural, indicamos três outros conceitos que podem colaborar para a compreensão dessa pedagogia precedida pelos encontros e trocas. O primeiro, busca sintetizar o conceito de Axé e a vital importância desse princípio vital na cosmogonia iorubana:

Axé é a energia vital que dinamiza a vida! O leva e traz das ondas do mar é como as ondas do tempo, que levam e trazem ensinamentos. Aqui está contido todo o princípio da ancestralidade. O tempo não é estático, mas dinâmico. Sua dinâmica está engendrada pela lógica dos ancestrais. A sabedoria é resultado da passagem do tempo. Essa é a dinâmica da cosmovisão africana. (OLIVEIRA, 2021, p. 114).

Através da pulsão do axé, pretende-se “combater o autoritarismo e a arrogância de um único modo de saber a partir da emergência e a credibilização de outras possibilidades” (RUFINO, 2019, p. 122) indicando que o dinamismo do tempo entrecruzado pelos caminhos de Exu, e logo, pela *Pedagogia das Encruzilhadas*, tomam o axé como mobilizador definida por Rufino (2019) como *cruzo*. As vastas possibilidades de enxergar o mundo e as valorações atribuídas às ações do cotidiano em suas consequências, fortalecem uma educação mobilizadora para o fortalecimento da energia vital.

No tempo, ficou marcado o que foi violentado e subjugado no que se refere a uma cultura que parte de uma dinâmica cosmogonia que “tem no mito, no rito e no corpo seus componentes singulares, e como desafio a construção de mundos” (OLIVEIRA, 2012, p. 30). Desse modo, Exu desempenha a potência de vida, a mobilização do axé e do protagonismo individual para com a vida e as escolhas individuais marcadas pela liberdade de ser quem se é. Em Rufino (2019) é possível perceber que a “educação operada pelo axé” Rufino (2019), sustenta um atributo de enfrentamento a cultura hegemônica:

A meu ver, a interdição de Exu pelo projeto colonial é um dos principais fatores para a produção de experiência humana (educação) calcada no monoculturalismo, [...] uma educação que não considera Exu, suas operações e efeitos, é em suma, uma educação imóvel, avessa à vida às diversidades e às transformações (RUFINO, 2019, p.71)

Ainda sobre o Axé inspirado na pulsão de Exu, Rufino (2019) cunha o termo *rolê epistemológico*, partindo do conceito da diversidade adquirida através do movimento, das andanças nas encruzilhadas que se encontram exatamente nos *cruzos* para a construção de novos conhecimentos e a reflexão sobre eles, num movimento de composição conceitual que não se esgota em conhecimento e em axé. Para Rufino, “A relação entre Exu e axé nos lança em um campo de possibilidades pautadas nas dimensões do encante e desencante” (RUFINO, 2019, p. 67).

Ele utiliza os termos *cruzo* e *rolê epistemológico* para nos provocar justamente no campo da oposição dos termos vida e morte, visto que estes dois últimos são inspirados em cisões marcadas por finitude e rigidez, traços epistêmicos do ocidente. Para Rufino (2019), uma dimensão inspirada em encantes, opera a vida e a diversidade, onde limites prescritos e rígidos não são parte dos *cruzos* das encruzilhadas. “Tomando como base os fundamentos de Exu e axé, a vida pode virar morte e a morte pode vir a ser vida” (RUFINO, 2019, p. 67). Ao subverter a lógica de vida e morte, Exu promove a vida como construção incompleta, enquanto a morte inscreve a dimensão do desencanto, do apagamento.

Por meio da Pedagogia das Encruzilhadas, o *rolê epistemônico* evidencia também a mobilização da ancestralidade, nas palavras de Rufino (2019, p. 68): “praticando rolês epistemológicos, eu digo: o substantivo racial e suas derivações são os contra-axés do Novo Mundo”. Nesse sentido, o fator racial é caminho por onde relacionam e dialogam com todas as encruzilhadas dessa pedagogia. Nesse encontro de epistemologias, as encruzilhadas operacionalizam o diálogo em oposição aos contra-axés (entendidos como o monoculturalismo) do contemporâneo; a educação a partir da Pedagogia das Encruzilhadas ganha segundo Rufino (2019) o atributo de educação intercultural, entendido aqui como a medida das vivências e fazeres da atualidade na relação com o passado, o ancestral, vivo e presente em cada uma das individualidades dos seres.

Por conseguinte, o segundo conceito indica através da pulsão do axé, que não é possível esquecer os sentidos de uma cultura que foi fragmentada e silenciada pelos grupos dominantes da sociedade. Ramos (1995), já indicava que esses grupos acreditam que a situação de dominância é definitiva, embora saibam das brechas que as estruturas econômica

e social apresentam, “para eles, as leis que presidem ao dinamismo social são leis naturais ou eternas” (RAMOS, 1995, p. 63).

Essa dinâmica de autopreservação hegemônica é explicada por Hall (2006, p. 59), quando se refere a culturas e a unificação de saberes: “A maioria das nações consiste em culturas separadas que só foram unidas por um longo processo de conquista violenta, isto é, pela supressão forçada da diferença cultural”

A crença de que a dominância é efetiva, pauta se na violência como ferramenta de preservação existencial econômico-cultural. Porém, a contemporaneidade e a relação intercultural, indica que essa identidade prevalente, é confrontada justamente pela multiplicidade, descrita por Hall (2006, p. 12) como: “desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente”. De fato, é possível observar que a cultura dominante, denominada por Hall (2006) como cultura nacional, quando pretende unificar um tipo de modelo cultural dispõe de recursos opressores para manter sua hegemonia, sendo a diversidade, a ameaça hegemônica.

Ao abordar em específico a cultura nacional afrodiáspórica, Pereira (2022) colabora para a amplitude de possibilidades de enfrentamento de uma cultura única:

Podemos considerar que o enraizamento e a definição de uma identidade cultural se configuram menos como um horizonte claro e mais como um ponto obscuro, que nos desafia a perceber na opacidade o que há de escorregadio e mutável, algo como um espelho de alteridades que atribua sentido às experiências de desenraizamento cultural e de recusa da máscara da identidade única. Daí a pertinência dos modos de pensar/agir via Exu que para ser o que se é tem que se transformar, no ato desse enunciado, em outro – que será outro tão logo esse enunciado seja intuído e assim continuamente (PEREIRA, 2022, p. 130).

Nesse sentido, a defrontação está justamente na opacidade, e na mutabilidade, de forma a confundir a identidade padronizada. O potencial de Exu se dá justamente na transformação. O ser que está em permanente mutabilidade, desperta diversos “saberes em encruzilhadas” (RUFINO, 2019, p.73), que passam necessariamente pela permeabilidade.

Esse movimento rompe diretamente com o que Bhabha (1998) chama de ambivalência, “porque é a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade: ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes” (BHABHA, 1998, p. 105-106). A ambivalência da cultura dominante alimenta o discurso da interdição de saberes, aqui no caso, os ligados à pulsão da vida e de Exu, conduzidos por um movimento de afirmação de uma monocultura, que precede um modelo específico de educação.

Nesse ponto Bhabha (1998) indica que a relação de conflito/resistência entre colonizador/colonizado, se dá através da articulação social mediada pela diferença. Esse movimento é marcado por conflitos complexos onde o hibridismo social é utilizado pelo colonizado como forma de resistência, no movimento de construção histórica permanente. A ambivalência permanece o tempo todo em diálogo com o hibridismo social.

Observamos então que a *Pedagogia das Encruzilhadas*, se coloca como movimento pela luta descolonial e hibridismos é desprovida de máscaras, como indica Pereira (2022). Exu se apresenta enquanto transformação do outro, que tão logo em breve se instaura novamente num ciclo inacabado visando “urgentes reivindicações por educações que combatam a incidência desses padrões de poder” (RUFINO, 2019, p. 78).

Esse movimento fundado pela vida como primazia, se refere a existência das culturas e as diversas tentativas de silenciamento/apagamento. Vida instaurada pela prática da descolonização, entendida por Fanon (2002, p. 32) como: “encontro de duas forças congenitamente antagônicas, cuja originalidade provém justamente dessa espécie de substantificação que a situação colonial secreta e alimenta”. Em outras palavras, o fazer descolonial, utiliza das práticas cotidianas, fonte do pensamento contemporâneo que podemos chamar de originalidade, subvertendo os conceitos rígidos da situação colonial por meio da diversidade e pulsão de vida.

O terceiro conceito utiliza a pluriversalidade de Exu. Descolonizar parte desse sentido nas encruzilhadas de possibilidades que somente no encontro de uns com os outros, resgatamos nossas próprias subjetividades individuais. Podemos recorrer novamente a Fanon (2002), quando afirma que os atos de descolonização exigem o questionamento da situação colonial. Ao enxergar primeiro o campo das ambivalências, Exu, nos oferece elementos para o enfrentamento da lógica colonial. Entendemos que somos frutos dessa lógica, ao subvertê-la, mesmo vivendo num cotidiano multifacetado. Acreditamos que Fanon (2002, p. 33-36) sabia disso ao indicar que “O mundo colonial é compartimentado, [...] é um mundo dividido em dois, [...] habitado por espécies diferentes”.

Essa contraposição realizada por Exu no campo dos detalhes e do hibridismo é proposital. Entendendo que ele subverte inclusive a ambivalência, “transformou-se, contaminou a tudo e a todos, e também foi contaminado por aqueles que estiveram em contato com ele, sendo e fazendo ser no outro, não mais igual, e sim um único semelhante a si próprio, o espírito do encontro, o espírito do afrodescendente” (SOARES, 2008, p. 37) quando se coloca na posição de Mensageiro, “uma vez que é ele quem proporciona toda e

qualquer forma de comunicação, seja através da palavra ou do não dito" (RUFINO, 2019, p. 80).

Exu demonstra estar onde quiser, na relação tempo-espacó através da subversão de paradigmas. Esse caráter é definido por Rufino (2019) é precedido por diversos fatores que repercutem em “tensões, polifonias e ambivalências”. Ele utiliza a própria lógica para confundir concepções fragmentadas e sistematizadas, sendo “a resposta enquanto dúvida, questionamento e reflexão” (RUFINO, 2019, p. 80). Esse movimento de tensão, dúvida e incerteza instaurada na cultura, revelam que o hibridismo, tem promovido outros modos de vida e seus diferentes significantes, nas palavras de Hall (2006, p. 74) “Á medida em que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.” (HALL, 2006, p. 74)

Observamos que a pedagogia de Exu age pelas encruzilhadas nas frestas na infiltração, na multiplicidade e na coexistência. Dessa forma, entendemos que a educação descolonizadora, se atrela a diversidade e potência de vida de Exu, no intuito de compartilhar saberes, na contramão do conceito de unicidade, sistematização, e massificação dos seres. É sobre os detalhes da subversão de Exu e o povo da rua, no processo de subalternização e macrologia cultural conforme versa Spivak (2010) que vamos tratar a seguir, onde apresentaremos algumas frestas desdobradas em três encruzilhadas entendidas como: conhecimento; violência transformada em caminho de vida; não defesa de uma episteme absoluta, mas em práticas no diálogo dessa com a contemporaneidade da sociedade brasileira.

1.2 PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS: POSSIBILIDADES SUBVERSIVAS NA AÇÃO DE EXU

Assentes das infinitas potencialidades de liberdade do exercício de manifestação de Exu a partir da cosmogonia africana, atentaremos nesse tópico às frestas de atuação do Orixá Yangi, utilizando mais uma referência dos desdobramentos da cultura hegemônica (já tratada em abordagem anterior), adentramos as frestas das encruzilhadas onde vamos pautar a noção de conhecimento construído por essa cosmogonia aplicado às epistemologias da cultura Iorubá. Segundo Pereira (2022) na cosmogonia iorubana, Exu colabora para a compressão da lógica da “destruição e reconstrução”, num processo de “reinauguração do mundo de tudo e

daqueles que existem". (PEREIRA, 2022, p. 124), corroborando com a breve conceituação apontada anteriormente por Hall, no capítulo 2 e Trindade, como vemos a seguir.

Esse conhecimento cultural inscreve o aspecto prático da sociedade brasileira contemporânea, inscrita num processo de influência externa já tratada por Hall (2006), onde o discurso africano ganha força.

O discurso africano forneceria a linguagem que interpreta as mudanças e contradições da sociedade brasileira contemporânea e os conflitos sociais dos seus membros. Exu é a expressão de um simbolismo, cujo sentido se encontra não apenas na estrutura do imaginário, como na do real, expressa simbolicamente as incertezas humanas frente aos debates com as condições sociais estabelecidas, a afirmação de liberdade e autonomia do ser humano frente às imposições naturais e sociais (PEREIRA, 2022, p. 124-125)

Nesse sentido, Pereira colabora com a problematização da influência externa (entendida aqui como colonialismo), nos aspectos mais fundamentais da existência humana quando se refere às incertezas da sua posição social numa sociedade. Exu, nesse sentido é a materialização das pretensões individuais manifesto no cotidiano real, explicando assim a materialização do conhecimento baseado na individualidade, que podem a partir das práticas individuais, promover destruição ou reconstrução.

Spivak (2010) pode colaborar com esse sentido de materialização, quando trata do conceito de macrologia cultural. Para ele, a hegemonia cultural é parte dessa operação destinada a interpretar a cultura de uma forma única. Por conseguinte, observamos que o objetivo é instaurar a diferença e um modelo aceitável pela maioria, na intenção de tornar a cultura do outro subalternizada. Com relação a esse último termo Spivak (2010) colabora de forma bastante abrangente a respeito do processo de subalternização como a inadequação, para os padrões de hegemonia, e as implicações que são planejadas a partir dela:

Um relato das etapas de desenvolvimento do subalterno é desarticulado da conjuntura quando se opera na sua macrologia cultural, ainda que remotamente, pela interferência epistêmica nas definições legais e disciplinares que acompanham o projeto imperialista. (SPIVAK, 2010, p. 55)

Por conseguinte, num comparativo com o nacionalismo indiano, Spivak (2010) sinaliza que o objetivo da macrologia cultural é justamente mapear o conhecimento dos subalternos de predominância heterogênea, favorecendo a cultura hegemônica em exercício. Sendo a cultura subalterna aquela que instaura subversão, podemos recorrer a realidade cotidiana, agenciando nossos pressupostos de enfrentamento a macrologia descrita por

Spivak. Na análise contemporânea de Grada Kilomba¹⁰ (2019, p.48): “a alegação colonial de que grupos subalternos são menos humanos do que seus opressores e são por isso, menos capazes de falar em seus próprios nomes”, nos conduz a analisar que a incapacidade do subalterno (atributo instaurado por um superior), inclui a desinteligência para dar rumo as próprias escolhas.

A análise de Kilomba nos convoca a enxergar a subalternidade como uma fresta, para enxergar a ação da colonialidade, inclusive em se tratando da infância. Através da fresta, podemos trocar a subalternidade pelo protagonismo, ao compreender que a posição que assumimos diante da pretensa alegação colonizadora perde força, quando reforçamos a potência e a vida. Esse é um ato de grande inteligência e sagacidade que as frestas nos oferecem. Tudo se trata de transitar pelas diferenças. Ao invés de praticar a radicalidade da categorização, entrecruzar nas frestas da diversidade. Veremos, a seguir, a principal fonte dessa sabedoria ancestral.

1.3 LAROYÊ! MOJUBÁ! SALVE O POVO DA RUA

[...] Foi um tititi por ai Foi um tititi
 Foi um tititi Quando aqui chegou Exu Tiriri
 Foi um tititi por ai Foi um tititi Foi um tititi
 Quando aqui chegou Exu Tiriri
 Ele e chefe da encruza
 O senhor da madrugada Ordenança de Ogum
 Sua morada e na estrada Exu Tiriri
 Exu Tiriri Sua batalha é na encruza
 Quando chamado ele vem aqui Exu Tiriri Exu Tiriri Sua batalha é na encruza[...]
 Ponto cantado - Exu Tiriri

Pedindo licença ao grande Mestre Exu Tiriri Lonan¹¹ e todo o povo da rua, nos valemos da relevância da sabedoria popular na constante tentativa de apagamento de sua epistemologia, colocamos na encruzilhada e em suas frestas o conceito de subalternidade. Com Spivak (2010, p.49) podemos expandir tal conceito mais uma vez corporificado em Exu: “Nos estudos subalternos, devido à violência da inscrição epistêmica imperialista, social e

¹⁰ Convocamos Grada Kilomba nesse ponto, a fim de demonstrar como é possível relacionar sua escrita contemporânea aos conceitos já construídos com o passado, demonstrando o caráter de construção e reconstrução precedido por Exu, segundo Pereira (2022).

¹¹ Lonan, em Iorubá, caminho.

disciplinar, um projeto compreendido em termos essencialistas deve trafegar em uma prática textual radical de diferenças”.

Entendendo que os termos essencialistas da premissa levantada por Spivak têm como base a criação de diferenças a fim de controlar a subalternidade, Exu, e a prática do conhecimento em encruzilhadas, usa as diversidades para subverter a inscrição epistêmica imperialista. É o que também afirma também Florentina de Souza:

O corpo do subalterno ou do colonizado, funciona na tradição ocidental, como espaço fundamental na construção de representações majoritariamente negativas. A diferença do corpo negro ou ameríndio foi tem dos mais variados testos dessa tradição, escritos com o objetivo de definir e fixar imagens e, consequentemente lugares sociais (SOUZA, 2006, p. 147)

Temos então, alguns pressupostos para analisar a segunda fresta, o movimento violento de apagamento epistêmico e a instauração de caminhos de vida. Rufino (2019) utiliza o conhecimento das ruas e sua macrologia instaurando como conceito fundamental o trânsito das encruzilhadas de Exu e o povo que transita por elas, a sabedoria presente na reinvenção de vida e conhecimentos. É nas ruas que os encontros, desencontros e a pluralidade de um cotidiano diverso se instauram na pulsão de vida de uma realidade uma amplitude de possibilidades de enxergar o mundo nos caminhos em que percorre a vida. Rufino (2019) afirma justamente que o objetivo é confundir a vertente teórico-metodológica a partir de Exu para criar outros variados caminhos, sobretudo quando o colonialismo objetiva agir sobre os corpos subalternos na perspectiva do imperialista/colonizador. O conceito de fresta, aqui, adquire sentido metodológico-conceitual, no que se refere a pedagogia das encruzilhadas. O corpo antes negativado e subalternizado, tem agora nas ruas e no conhecimento popular de quem é [...] dessa esquerda que abre caminhos, traz amor, nos auxilia na cura[...] (BARBOSA; RIBEIRO, 2024, p. 112).

Nesse ponto de vista, reforçamos que os mesmos pressupostos valem para as infâncias, e os corpos infantis, já que tratamos aqui de uma pedagogia de conhecimentos e vivências plurais. A abertura de caminhos, no enfrentamento ao apagamento, reinventa possibilidades de criação de novas perspectivas de enxergar e atuar criticamente no mundo.

A definição de Rufino colabora com o sentido profundo de associação de Exu a quem mais anseia vida. O conhecimento que construímos na rua, através das relações, que foi descredитado por uma lógica que infere valores a partir da posição econômico-social:

A rua nada mais é do que o que se passa por ela, sujeitos comuns e suas práticas. A rua é tão diversa quanto os tipos que a praticam, inscrevendo seus saberes nos

cotidianos. A rua é de quem nasce, se cria e morre nela, digamos também que é daqueles que a fazem de lugar de passagem, rito de invenção do mundo. A rua é das mulheres e homens comuns, suas histórias e sapiências, modos de vida que nascem, se criam e morrem por lá, eis os que a fazem como lugar de passagem, eis os sujeitos que a praticam, eis os poderes que por ali se encantam. Eis o *povo da Rua*. (RUFINO, 2019, p. 108)

O povo da rua, entendido aqui como a maioria subalternizada pela lógica colonial, tem sua macrologia cultural explicitada por Rufino, pelo conceito da rua e encruzilhada. É ali que se encontram diferentes saberes inscritos num cotidiano que pretende apagar as culturas que enfrentam o colonialismo. A encruzilhada, marco de compartilhamento dos fazeres de Exu, é justamente a fresta necessária para que o Orixá comunicador opere nas pulsões de subversão e confusão do que antes fora uma regra, instaurada por uma organização que pretende dominar e subalternizar existências.

A rua, nesse sentido, é o local que vai confundir a lógica colonial, pois as diversidades ali existentes não cabem no campo do cindido, marcado e instaurado do ocidental. Além disso, a rua é concebida aqui como área de transição de nascimento, criação e morte, onde todas as sabedorias se encontram no ponto exato em que os caminhos se entrecruzam. Local de encantamento e desencante, a rua é também definida pelo lugar onde os indivíduos passam e praticam vida e compartilhamento. A rua, não distingue e nem separa que passa por ela, mas no encontro com Exu que abre caminhos, sendo ao mesmo tempo, o próprio caminho. Na prática: “potencializa/pratica as possibilidades” (RUFINO, 2019, p.109). Exu, e a prática do conhecimento em encruzilhadas, usa as diversidades para subverter a inscrição epistêmica imperialista.

Importante ressaltar que as frestas entre os caminhos não são necessariamente pacíficas. Podemos considerar que a rua também é no conflito, mais um desdobramento de Exu, que aparece no encontro das encruzilhadas e suas esquinas. Rufino Apresenta um dos tantos outros nomes¹² de Exu, dessa vez associado aos caminhos. Obá Oritá Metá, é na Pedagogia das Encruzilhadas “o curso de três caminhos e esquinas” onde Exu “nos fornece importantes orientações epistemológicas e metodológicas para a contestação dos limites de um saber monológico, produzido pela racionalidade moderna ocidental” (RUFINO, 2019, p. 41-42).

¹² importante ressaltar que a amplitude de possibilidades de presença e ação de Exu, lhe confere na cosmogonia africana a atribuição de diversos nomes, justamente por não ser o início, meio e fim cronológico de nenhum atributo, mas justamente todos os tempos ao mesmo tempo.

Na encruzilhada da cosmogonia de Exu, a intenção da *Pedagogia das Encruzilhadas* é justamente no pequeno espaço, a pequena fresta que passa despercebido pela macrologia cultural dos subalternos indicada por Spivak. Observamos que pelas esquinas dessas encruzilhadas, se firmam noções de enfrentamento e subversão, passando pelas ruas, becos, frestas e por quem queira manifestar liberdade.

Sob a guarda de Exu, também chamado de Obá Oritá Metá (senhor dos três caminhos), Rufino (2019) descreve como primeira esquina, o caminho do conhecimento repleto de diversidade e pluralidade, sendo manifesta de diferentes formas de ser e estar no mundo. Florentina Souza (2006), ajuda na compreensão do caminho do conhecimento, onde as marcas históricas são manifestações do que a memória histórica lhes permite registrar. Segundo ela:

O afro-brasileiro, portanto, seleciona e reelabora os dados culturais de que necessita para construir um desenho identitário positivo para si e para seu grupo; tentará, por conseguinte, desvelar o apagamento e o desprestígio constituídos pela ocidentalidade. Deste modo, assenhorando-se da cosmologia de origem africana dos mitos, rituais e símbolos, proporá práticas eficazes para repensá-los e reconstruí-los dentro de uma perspectiva que instala a discussão sobre a ambivaléncia da sua relação com o universo cultural do Ocidente. (SOUZA, 2006, p. 62)

Podemos interpretar nas palavras de Souza, que o ato de reelaborar dados culturais a respeito da própria história, sobretudo das origens marcadas pela ceifa¹³ colonial, é manifesta a influência de Exu, quando subverte mais uma vez o modelo ocidental de percepção de mundo. Ao acessar a cosmologia africana, o indivíduo afro-brasileiro¹⁴ afasta o conceito de subalternidade e incapacidade, quando recorre à sabedoria das ruas e das vivências marcadas por realidades distintas e difusas. Esse entendimento vai de encontro ao que Boaventura Santos indica como conhecimento como estrutura social:

só existe conhecimento em sociedade e, portanto, quanto maior for o seu reconhecimento, maior será a sua capacidade para conformar a sociedade, para conferir inteligibilidade ao seu presente e ao seu passado e dar sentido ao seu futuro, [...] mesmo que a natureza não existisse em sociedade – e existe- o conhecimento sobre ela existiria. Por outro lado, o conhecimento, em suas múltiplas formas, não está equitativamente distribuído na sociedade e tende a estar tanto menos quanto é maior seu privilégio epistemológico. (SANTOS, 2008, p. 137)

¹³ o sentido de ceifar aqui aplicado é justamente o processo de dominação epistemológica que a hegemonia ocidental praticou e continua a praticar sob aqueles que a padronização entende como os subalternizados. Nesse campo, cabe considerar que o povo da rua, que carrega a sabedoria popular com grande propriedade, é um dos principais alvos de controle que a contemporaneidade ocidental pretensa influenciar.

¹⁴ Consideramos aqui como afro-brasileiro, todo/toda aquele/aquela pessoa que, mesmo sem conhecer sua origem ancestral específica, reconhece que é descendente dos povos africanos.

É nesse ponto que o Orixá Exu (Obá Oritá Metá), colabora com a amplitude da percepção de caminhos livres para que através da sua potência examinemos: “os fenômenos constituídos no campo da linguagem, uma vez que é o comunicador por excelência” (RUFINO, 2019, p. 43). O reconhecimento da cosmogonia africana desdobrada em culturas que partem da oralidade, linguagem e da ritualização por onde transita Exu não é marcado pelo tempo presente, passado e futuro, mas por todos esses que coexistem na contemporaneidade.

O campo da comunicação e linguagem descrito como especialidade de Exu, já é um indicador movido a subversão, ao convocar a manifestação da palavra dita, o conhecimento vivido, ouvido e transmitido, para além da chamada “circunscrição binária” (RUFINO, 2017, p. 72), manifesta como política do ocidente voltada a um processo de dicotomização, para dominar e segregar inclusive o campo do conhecimento, para o campo da verdade absoluta instaurado pela hegemonia.

É sabido que essas encruzilhadas em que perpassam epistemologias coloniais e colonizadas, são marcadas por interesses bastante específicos. Segundo Santos (2008), as culturas são imbuídas de ideias aparentemente contraditórias no que se refere a diversidade, pluralismo e globalização. Esses marcos culturais, ao transitar pela lógica exúlica entendida como caminhos que circulam a partir da diferença, potencializam a legitimidade de conhecimentos construídos na diáspora. Para Rufino (2019, p.42) este conhecimento se organiza em “uma esteira de saberes que forjam um assentamento comum nos processos de ressignificação do ser, suas invenções de territorialidades, saberes e identidades”.

Está posta a segunda esquina ofertada por Obá Oritá Metá: a diáspora¹⁵¹⁴ negra que interliga saberes milenares, transforma a violência e extermínio em potência de vida, quando resgatada a ancestralidade e sua cosmogonia. A diversidade que reinventa a cultura no contemporâneo, inscreve à *Pedagogia das Encruzilhadas*, na suficiência para enfrentar a pretensa sobreposição de uma cultura ocidental dominante. Dada a complexidade da amplitude do conceito de diáspora, Florentina de Souza colabora para o hibridismo dessa composição:

Estou ainda considerando a cultura africana da diáspora do Brasil como uma cultura duplamente híbrida. Primordialmente híbrida, porque resultante do contato e da interação de povos africanos de etnias diversas que foram obrigadas a criar, como

¹⁵ Cientes da complexidade e importância do conceito de diáspora africana, consideramos prudente tratar nos termos desse trabalho, do hibridismo a que indica florentina de Souza. Para saber mais sobre Diáspora Africana, recomendamos estudo aprofundado de sua obra Afrodescendência em cadernos negros e Trânsitos na diáspora.

forma de resistência cultural, uma memória comum; híbrida ainda porque forçada a relacionar-se com povos europeus e ameríndios e a fazer uso de seus comportamentos e costumes para desenhar a sua identidade e garantir sua sobrevivência. Os negros africanos e afro-descendentes construíram sua memória através da negociação com as várias culturas citadas, negociação cujos reflexos observam -se na hibridização de rituais religiosos, práticas cotidianas e populares. (SOUZA, 2006, p. 21)

Nesse sentido, vamos nos ater ao caráter multicultural do hibridismo, que é muito bem representado pelos fazeres do povo da rua do qual tratamos anteriormente.

No que se refere ao campo dos fazeres inscritos numa realidade onde mito, rito e corpo são simultaneamente vitais, o mito, representado como a resistência cultural na busca da preservação da cultura que lhes é inerente e precisou ser reinventada pela sabedoria popular como memória comum; o rito, baseado na hibridização dos rituais religiosos simbolizado pelo sincretismo; o corpo na relação com os povos europeus e o alinhamento de posturas muito mais relacionados ao controle da naturalidade, vivacidade e personalidade, a fim de preservar a existência, e a sobrevivência na contemporaneidade.

A evidência do corpo como marco visível do hibridismo cultural também é tratada por Hall (2003) como o resultado da violência abrupta, onde a inclusão dos marginalizados se deu por esse marco “em vez de um pacto de associação civil lentamente desenvolvido, tão central ao discurso liberal da modernidade ocidental. Nossa “associação civil” foi inaugurada por um ato de vontade imperial” (HALL, 2003, p. 30).

Na relação em que as três esquinas traçadas por Exu relacionam o conhecimento que referendam uma cultura, o saber diaspórico enquanto resistência, encontramos a terceira esquina que se refere a não defesa de uma epistemologia que se pretende firmar como absoluta, sem o conhecimento de outras perspectivas de mundo, baseadas em outras cosmopercepções. Ou, em outras palavras, como afirma Bhabha (1998, p. 27): “O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural”. Essa interpretação indica que a cosmopercepção precisa ser imbuída da novidade no movimento de cocriação cultural.

Rufino (2019), ao inscrever o terceiro caminho base da Pedagogia das Encruzilhadas, argumenta a necessidade de uma pedagogia baseada na relação do contemporâneo e seus enfrentamentos cotidianos e uma cosmogonia que luta para pertencer a seu lugar de direito,

enquanto diversidade de vida. Essa defesa pelo direito ontológico¹⁶ é defendida por Aimé Cesaire:

Sendo o pensamento bantu ontológico, o bantu só pede satisfação de ordem ontológica. Salários decentes?! Habitações confortáveis?! Comida?! Esses bantus são espíritos puros, eu vos digo: “O que eles desejam acima de tudo, não é a melhoria de sua situação econômica ou material, mas o reconhecimento pelo homem branco, seu respeito à sua dignidade humana, o seu pleno valor humano (CESAIRE, 2020, p. 50)

Observamos ao final dessa reflexão, que a Pedagogia das encruzilhadas se desenha a partir das frestas em que Exu manifesta sua liberdade de permanência e ação, imanente a dinâmica da subversão e do questionamento. A ontologia que precede os mais variáveis sentidos das criações culturais diáspóricas, alimentam um enredo em que Exu permanece ainda mais ativo, quando procuramos nos apropriar de sabedorias que defendem valores humanos e comunitários, para além do que já conhecemos da sociedade moderna, afirmindo o que Rufino (2017) cita como o caminho como possibilidade, sendo Exu o próprio caminho, sempre inacabado. “Exu é o que quer e o faz porque pode. Exu é possibilidade” (RUFINO, 2017, p. 73).

Entendendo que essas três esquinas agora aqui delineadas a partir da descrição dos desdobramentos da cosmogonia iorubana/ocidental, nos ajudam na elucidação dos princípios da pedagogia das encruzilhadas, na relação com a contemporaneidade brasileira, veremos a seguir como os princípios políticos, poéticos e poéticos, no cruzamento com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), instaurada pela lei 13.415/2017 e a lei 10.639/2003 que regulamenta a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo oficial nacional podem com os apontamentos propostos pela Pedagogia das Encruzilhadas, e a relação com o Orixá Exu, operar pelas frestas dos detalhes cotidianos na busca da valorização da diversidade.

1.4 PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS E O COTIDIANO: NECESSIDADE DE CONTEXTUALIZAÇÃO AO CONTEMPORÂNEO

Estudando a Pedagogia das encruzilhadas e seus elementos fundantes a partir de Exu/Obá Oritá Metá tratados até aqui, indicamos que a BNCC perpassa também por essas encruzilhadas, enquanto base de objetivos para a educação brasileira.

¹⁶ Compreendemos a ontologia a que se refere Cesaire, como o direito a dignidade humana, conceito que vai de encontro ao pensamento de Rufino com relação a contemporaneidade

Seus três princípios lidos no cruzamento com a cosmogonia iorubá, que aliás, é parte da obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira, promulgada pela Lei 10.639/2003 há 22 anos, pretendemos ilustrar como a aplicação desses princípios, aproximam a presença de Exu aos fazeres dos estudantes, quando referenciais que divergem da concepção unificada de mundo construída pelo ocidental são apresentadas. Essa aplicação favorece através do pensamento crítico, a reelaboração dos dados culturais e o hibridismo, conforme apontou Souza (2006). Isso implica na favorável presença da cultura popular afro-diaspórica, a fim de propagar culturas constantemente silenciadas pela dominância ocidental.

Esse exercício fortalece conforme indica Rufino (2019, p. 49): “Exu encarnado nas práticas da afro-diáspora mantém vigorosamente o seu poder inventivo e multifacetado”. Em se tratando da educação brasileira, a Pedagogia das Encruzilhadas promove a propagação das culturas afro-diaspóricas, segundo Rufino (2019), Exu precisa ser um projeto social de transgressão, exigindo uma pedagogia própria, onde histórias originárias negadas serão acessadas.

1.4.1 Princípios políticos

Por conseguinte, desvemos os princípios dessa pedagogia, que pretensa ser mobilizadora de saberes ancestrais. Os princípios políticos da BNCC (2017) precedem a garantia os direitos de cidadania, exercício da criticidade e o respeito a democracia.

A *Pedagogia das Encruzilhadas*, conecta a esses princípios quando Rufino (2019, p. 91) denuncia que o sistema colonial pretende manter ideais de mentalidade que visam: “a manutenção das condições de privilégio, de modo a manter o sistema ativo e complacente a uma lógica de produção e produção de desigualdades”. O tom de enfrentamento levantado por Rufino, não passa despercebido, dado que enquanto manifestação política, o direito de exercer cidadania, criticidade e respeito nem sempre são garantidos na plenitude. Para tal, os princípios políticos da pedagogia de Exu, são delineados na “luta contra o racismo anti-negro e a transgressão dos parâmetros coloniais” (RUFINO, 2019, p. 20).

Nilma Lino Gomes (2023, p. 52), trata do assunto da garantia desses direitos fundamentais ao discorrer sobre o conceito de justiça curricular enquanto superação de desigualdades. Ela indica ainda que falta aos educadores praticar essa justiça: “Essa poderá ser a inflexão crucial e necessária à teoria educacional e ao campo do currículo, e deverá se fazer presente na postura e na prática das pesquisadoras”. Ela aprofunda o conceito basilar:

O conceito de justiça curricular, ao pautar-se na justiça social, possibilita a compreensão não somente do currículo como produto e processo, mas, principalmente, da vida dos sujeitos que estão na escola na sua diversidade de classe, gênero, de raça e de orientação sexual. Considera a relação de tensão que essas identidades ocupam na conformação com o conhecimento, no cotidiano, nas imagens e nas autoimagens que os docentes e discentes constroem um dos outros e de si mesmos. (GOMES;ARAÚJO, 2019, p. 49)

Sucedendo a análise da diversidade, justiça curricular e o campo dos princípios políticos, Gomes e Teodoro (2021, p. 27) é enfática ao afirmar que: “a criança negra como parte de seu grupo de pertencimento foi construída com base na racialização, resultado do processo de colonização”, colabora com a urgente necessidade da contextualização das tensões sociais e o campo da racialidade, onde é sabido que existem diferentes formas de viver as infâncias conforme o meio social/econômico em que são participantes. Logo, a diferença entre crianças brancas e pretas é explícita no que se refere a esses marcadores ligados a construção das diferenças. Temos como exemplo a interpretação de Kohan acerca das diferenças das infâncias (2005). Nesse sentido, “[...] uma infância afirma a força do mesmo, do centro, do tudo; a outra, a diferença, o fora, o singular. Uma leva a consolidar, unificar e conservar; a outra a irromper, diversificar e revolucionar [...]” (KOHAN, 2005, p. 2)

Nesse ponto precisamos nos debruçar novamente nos intentos da manifestação de Exu e a vitalização das existências. “uma educação que busca a emancipação deve estar comprometida com o outro” (RUFINO, 2019, p. 79). Dessa forma, a justiça curricular colabora para que a liberdade de manifestação e o acesso aos conhecimentos produzidos por outras sociedades abrem caminhos para a diversidade de pensamentos a respeito das individualidades e da vida cotidiana em seus desdobramentos, onde o senso de comunidade e pertencimento passa pela percepção do outro como parte de sua construção identitária.

Observamos que enquanto aporte de diversidade no âmbito político/econômico ao gerar oposição ao discurso do pensamento colonial e o intento de dominação, Bhabha (1998, p. 111) tece a respeito de um do aparato de poder que usa o colonialismo para a submissão de outrem, ele utiliza “o reconhecimento e o repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas. Sua função estratégica predominante é a criação de um espaço para “povos sujeitos”, através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância”.

Em outras palavras, o colonialismo cria um discurso inclusivo e igualitário para despistar seus intentos, criando um subgrupo de sujeitos que criam conhecimentos vigiados

pela dominância. As crianças são mais impactadas nesse processo, primeiramente pela marca econômico-social onde riqueza e pobreza separam as crianças das potencialidades que podem colaborar para seus desenvolvimentos biopsicossociais; pela dominância do adulto que instaura um lugar subalternizado da infância, onde crianças seguem necessariamente os preceitos dos adultos. Nesse sentido, destaca-se uma narrativa pretensa de hegemonia da infância, a um tipo de aparato de poder segregador.

Ainda de acordo com o explicitado por Bhabha (1998), ao ignorar as diferenças, indicando a livre manifestação que na verdade é observada e controlada para a categorização dos grupos vigiados eles pretendem esconder seus objetivos que são muito distantes dos ideais de humanização e a politização: “apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 1998, p. 111).

Nesse sentido ainda podemos considerar a perspectiva de formação das identidades culturais desenvolvida por Hall (já tratado anteriormente), em complementaridade ao conceito de aparato de poder/globalização e sua avassaladora permanência no cotidiano das sociedades, nos desloca para as subjetividades individuais e coletivas. As crianças não passam imunes por esses processos¹⁷, visto que aprendem a reproduzir o que os adultos acreditam ser um senso comum de comportamento e pensamento. Hall (1996, p.47) aponta que: “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”, o que nos sugere que a infância revela potenciais bastante relevantes para a formação de novos paradigmas culturais quando tem através da justiça cognitiva, oportunidades de construir novos entendimentos sobre o mundo que veem, sentem e participam.

Outro ponto relevante tratado por Hall é justamente o conceito da construção da representação¹⁸:

As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido o modo como a “inglesidade” (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. (HALL, 1996, p.48)

¹⁷ trataremos das especificidades das infâncias e suas diferenças, no capítulo III.

¹⁸ Hall e o conceito de representação são usados propositalmente nessa reflexão, para que possamos tomar como instrumento crítico subversivo a cultura inglesa, uma das culturas construídas historicamente como modelo de representação cultural da hegemonia dominante.

As crianças, sobretudo brasileiras, aprendem em seus modos de ser e existir, diferentes representações do que é ser uma criança brasileira. Nesse sentido Gutfreind (2014, p. 21) indica a literatura e a arte como um campo de possibilidade representativa, quando associa a literatura com uma película: “Vai que a película permita que um adulto e uma criança se encontrem em torno da vida e da arte. E se olhem, se toquem, gesticulem, pensem. Representem-se a partir do encontro”. Nesse ponto observamos que a interação dos sentidos do corpo e as sensações decorrentes desse impulso de vida que é a infância e suas diferentes vertentes históricas e culturais brasileiras, encontram sempre um grande atravessamento com figura dos adultos, que presumem sempre que essas crianças necessitam de uma diretriz a partir do que aquela geração e cultura representam como ser criança e ser adulto. Vamos aprofundar tais aspectos concernentes às infâncias no capítulo III.

Ao racializar, segregar e criar estereótipos a partir da diferença, a ação hegemônica de controle busca através da racialização, separar culturas e estereótipos entre certo e errado. Por isso a importância justiça curricular na relação o princípio político da *Pedagogia das Encruzilhadas* é motivo de constante alerta. A trama da transgressão é ofertada por Exu pelo Axé, na contramão do epistemicídio. Enquanto princípio político, a pedagogia das encruzilhadas pretende praticar as encruzilhadas pelo viés da decolonialidade, sem negar o que já foi produzido e o que está circulando, mas como transgressão que conduz os envolvidos a acessar “outros caminhos enquanto possibilidades para o tratamento da tragédia chamada colonialismo” (RUFINO, 2019, p. 75).

1.4.2 Princípios Poéticos/Estéticos

Em se tratando do segundo princípio norteador da BNCC, os princípios estéticos são conduzidos pela valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.

Situada no encontro com a pedagogia das encruzilhadas, o termo estético, é substituído pelo termo poético, que segundo Rufino (2017, p. 46): “emerge a partir de um diálogo cosmopolita (cruzado) com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram subalternizadas”. Estética, diante dessa premissa parte o entendimento do que instaurou o colonialismo como padrão comum do que é a beleza, em detrimento de outras referências culturais. Tal conceituação, Rufino (2017) aponta como problemática epistemológica onde as produções de linguagem não podem ser separadas das dimensões ser e saber. Munanga (2024, p. 20) a

respeito do processo de apagamento epistêmico sinaliza que “a negritude torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e suas culturas negadas”. A afirmação de Munanga nos convoca a reconhecer a necessidade dessa reabilitação como um ato político de resistência, também no sentido poético e estético.

Observamos que essa problemática é profundamente marcada pela colonização e o processo de apagamento das culturas originárias com base na oralidade, conforme discorre Souza (2006), ao tratar de discursos identitários que precisam recorrer a memórias históricas para determinar a vida em grupo, e a marca que o caracteriza “Erigirá uma imagem que possibilite ao grupo reconhecer para si e para os outros suas diferenças étnicas culturais, ou históricas, imprescindíveis para a construção do discurso identitário” (SOUZA, 2006, p. 62).

Sendo o termo estético, já composto de uma premissa da existência de um modelo padrão imagético do que é belo sustentado pela estética colonial dualizada, em contrapartida para Martins (2021, p. 71) na cultura negra “o belo nunca é desinteressado ou periódico. Para adquirir a categoria de belo, há que ser necessariamente um benefício do e para o coletivo”. A beleza beneficia a individualidade e a comunidade para a disseminação de outras formas de vivenciar o belo.

A supremacia desses padrões é novamente subvertida nas encruzilhadas de Exu. A substituição do estético pelo termo poético, abrange um leque de possibilidades mais amplos do que seja a estética padronizada contemporânea, visto que as culturas afrobrasileiras são fortemente marcadas pela oralidade, e consequentemente pela poesia em uma grande virada epistemológica marcada pelo tempo e o corpo. Leda Maria Martins aponta que essa epistemologia divide em diversos caminhos cruzados:

Proponho como possibilidade epistemológica a ideia de que o tempo, em determinadas culturas, é local de inscrição de um conhecimento que se grava no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade, conhecimentos esses emoldurados por uma certa concepção e filosofia (MARTINS, 2021, p. 22)

Sendo a Pedagogia das Encruzilhadas, manifesta pela diversidade presente nos indivíduos e suas sabedorias constituídas pelas vivências, Rufino discorre a respeito do corpo e os diversos efeitos que esse inscreve no mundo “Os saberes em encruzilhadas são saberes de ginga, de fresta, de síncope, são mandingas baixadas e imantadas no corpo, manifestações do ser/saber inapreensíveis pela lógica totalitária” (RUFINO, 2019, p.73). Por conseguinte, a

epistemologia situada pelo corpo em suas diversidades, não referendadas pelo dominador como produção de cultura, é na Pedagogia de Exu, marcada pela maleabilidade, possibilidade e ginga.

Indicamos que isso pode significar que a inscrição do papel e do ato avaliativo da escola ocidental, (inclusive das escolas brasileiras) difere da prática dos saberes através do movimento hábil, livre e que manifesta inteligência. Diante de um currículo que se pauta em entregas, provas, conteúdos e linearidade se encontram epistemologias na forma de oposição. Se Exu transita e inscreve presença em diferentes tempos históricos, essa inteligibilidade, sendo aí justificada a necessidade de convocação da negritude conforme aponta Munanga (2024) para a construção afro-diaspórica do conhecimento a partir dos saberes histórico-culturais.

Ainda sobre esse trânsito inscrito na inteligência da diversidade enquanto manifestação poética, Leda Maria Martins inscreve o termo *espiralar* para tratar da epistemologia do tempo, concernente a cosmogonia afrodiáspórica. Para ela:

O tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiência ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (MARTINS, 2021, p. 22)

A Relevância da abordagem de Leda Maria Martins para os princípios estéticos da Pedagogia das Encruzilhadas, colabora para que a inscrição de Exu enquanto pluriversal e mobilizador da epistemologia negro-africana, que manifesta a ancestralidade na atualidade através da diáspora na perspectiva do movimento e do corpo enquanto instância de vida e resistência. Todas as manifestações que envolvem a inscrição do corpo e do movimento como força motriz, ligam-se diretamente às pulsões de vida infantil em suas diferentes formas de vivencias a infância enquanto categoria social.

Nesse sentido, o tempo ontológico é inscrito também na pluriversidade de Exu, pois ao se defrontar com as curvas, a memória é constantemente convocada. Brevemente podemos usar como exemplo a brincadeira que busca em referenciais anteriores, ancestrais e populares, formas de coexistir apesar do cotidiano que se mostra linear. Não existe linearidade no brincar, mas uma curvatura, circularidade natural existente nas crianças. Voltaremos a tratar das infâncias e as crianças em específico no capítulo II.

Ressaltamos que os princípios estéticos centrados em outras perspectivas socioculturais, fazem da *Pedagogia das Encruzilhadas* um mecanismo espiralar de acesso contínuo entre diferentes tempos histórico-semióticos, ao contrário da lógica ocidental, onde a linearidade e a bipartição dos conceitos sociais e a imprevisibilidade geram preservação e oposição. Nos meandros dos tempos em que escolhe transitar, Exu é presente como espiral nas curvas dos tempos, nas esquinas das possibilidades. Para Martins (2021) poesia é manifestação do tempo. O conceito de espiralar colabora para a compreensão de uma estética precedida por diferentes pressupostos culturais onde: “Exu ainda é o princípio espiralado do tempo e das existências” (RUFINO, 2017, p.59).

Havendo se ainda do embasamento do campo poético, e a pluriversalidade versus paradigmas estéticos da contemporaneidade, Rufino (2021) exemplifica a relação espiralar inscrita na modernidade e a veemente necessidade do conhecimento articulado às realidades individuais que subvertam a lógica dominante do conhecimento:

Certa vez, observava uma conversa entre uma criança e sua professora, que perguntava sobre uma aprendizagem tida nos encontros anteriores. A menina dizia que havia desaprendido o que foi passado. A professora foi incisiva: “Ué, mas ninguém desaprende o que aprendeu”. A criança respondeu sem titubear: “Então eu aprendi a esquecer” [...] a aparente contradição presente no diálogo revela a riqueza dos processos educativos e como a educação é, antes de tudo, um ato político e filosófico como a todas as pessoas. (RUFINO, 2021, p. 17-18)

Por um lado, o currículo pautado pela estética da contemporaneidade, pode sintetizar a não possibilidade de desfazer o que se aprende. Por outro lado, a criança através do ato de desaprender, subverte o senso de aprendizado, para além do que se pretende em linhas gerais a ensinar “desaprender é um ato político e poético diante daquilo que se veste como único saber possível ou como saber maior em relação a outros modos” (RUFINO, 2021, p. 19). A criança que pensa, reflete e ressignifica sua relação com o conhecimento a partir do que sente, revela grande proximidade com o contemporâneo, ao responder a professora de imediato indicando que o esquecimento, de certa forma intencional.

A importância da lógica subversiva de Exu, e a presença instaurada por uma estética insurgente, colabora com o sentido poético da *Pedagogia das Encruzilhadas*, nas palavras de Edmilson Pereira:

aprender com Exu não é restringir a experiência de construção de sentido a esta ou àquela possibilidade, mas a muitas possibilidades, inclusive aquelas que o sonar de nossa linguagem ainda não detectou. Exu é simultaneamente, o que está feito e o devir de todos os afazeres. Por isso diante de sua dinâmica, precisamos nos esforçar

para apreendermos o que há de poético nas poéticas estabelecidas [...] e o que nem sequer imaginamos constituir-se como uma poética em potencial (e, podemos acrescentar, uma poética da liberdade de experimentação). (PEREIRA, 2022, p. 171)

Observamos que o sentido insurgente da lógica de aprendizagem, quando tratada como uma poética em potencial, necessariamente desperta em quem “desaprende” (grifo meu), através do questionamento marcado pela liberdade. Por conseguinte, a dimensão poética se alimenta de um fluxo espiralar constante, onde na relação entre diferentes tempos históricos que se relacionam constantemente, novas ontologias são construídas, desaprendidas e restituídas. A seguir, apresentamos o terceiro princípio da *Pedagogia das Encruzilhadas*, que em relação com os princípios políticos e poéticos, indicam que os diferentes enredos sociais, podem por meio da diversidade colaborar para práticas humanizadas eficazes para a construção de novos seres.

1.4.3 Princípios éticos

Já inscritos nos sentidos que movimentam a premissa *política* da justiça cognitiva que visa contrapor, a manifestação dos aparatos de poder em uma cultura nacional que se pretende universalista, observamos como a manifestação *poética* pode instrumentalizar a cultura afro-diaspórica na instrumentalização de métodos subversivos de exercer a liberdade de manifestação de suas subjetividades através da Manifestação de Exu, visando a desconstrução e reconstrução da realidade a partir da violência exercida pela tentativa de apagamento epistêmico da cosmogonia africana.

Temos agora, os princípios *éticos* que visam antes de tudo, estabelecer diálogos onde a palavra oralizada toma grande proporção. Versadas pela BNCC, os princípios éticos objetivam o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Tais sentidos também norteiam a *Pedagogia das Encruzilhadas*.

Observamos até aqui que a lógica de Exu não apresenta hierarquia “é uma relação pluralista e dialógica” (RUFINO, 2019, p. 79). Nessa proposta de relação precedida pelo diálogo, a premissa da ética é fundamental, quando instaurada na relação com a palavra e a cultura oriunda dela. Oliveira (2021) em referência a cultura negro-africana, define que em si mesma é ética, pois composta da experiência coletiva dos afrodescendentes, a cosmovisão construída se orienta para a liberdade coletiva e individual. Essa primazia pela ética, enquanto

vida, comunidade e empatia, tem correlação direta com a emancipação promovida por Exu. Leda Maria Martins (2021, p. 14) elucida o sentido fundamental da fala quando aponta que “é pela epifania da linguagem e na linguagem que o ser se torna imanente”.

Em outras palavras, na relação profunda com a linguagem, a palavra dita toma dimensão de criação, o que é natural da condição humana. Ao inscrever o campo da palavra no campo ético “a matriz africana é lida assim, como um dos significantes constitutivos da textualidade e de toda a produção cultural brasileira, matriz dialógica e fundamental dos sujeitos que a encenam e que simultaneamente, são por ela também constituídos” (MARTINS, 2021, p. 14).

Assim sendo no campo ético preside a oralidade como fundamental conceito da cultura afro-diaspórica na ação de reinvenção de sua cultura marginalizada. Colaborando para a compreensão desse sentido, continuamos a recorrer a Martins (2021) exemplificando o congado e o exercício do legado dos ancestrais e criação do conceito de oralitura:

Aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei oralitura, matizando nesse termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, “letra”, grava o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de *litura*, “rasura” da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e suas representações simbólicas (MARTINS, 2021, p. 14)

Como subversão transgressiva, o ato de relacionar fala e escrita, inscreve a cultura afro-brasileira a um cenário de validação em seus aspectos constitutivos e culturais, evidencia um princípio ético de “responsabilidade com o outro” (RUFINO 2019, p. 74). Nesse sentido, o valor do dito toma a mesma proporção do que é escrito, elevando os bens culturais a uma categoria de transmissão de energia vital:

Um dos pressupostos dos valores éticos nas culturas negras é a de que os bens culturais, em última instância, são transmissores da energia vital que se espalha do sagrado e que em tudo se manifesta [...] a expressão artística, em todas as suas manifestações e realizações, torna -se uma nobre qualidade quando em si reverbera, na potência de sua funcionalidade, esse brilho do espírito, o fazer o bem para o bem coletivo, visando suas necessidades de equilíbrio social, postura e postulado da poética e da *sophya* que as informaram (MARTINS, 2021, p.70)

O atributo da oralidade na transmissão de saberes culturais, toma o lugar central da pulsão da energia vital que alimenta toda a estrutura da cultura coletiva. Nela está instaurada o sentido o desejo de quem a profere, imprimindo um senso de acontecimento, criação; Martins complementa esse sentido quando afirma que a palavra é símbolo de eficácia e poder, pois

quando dita, designa determinada coisa e carrega nela o sentido de existência. Encontramos o exemplo da relevância da palavra dita, na própria manifestação dos povos das ruas: “nas travessias, nos caminhos feitos, nas palavras trocadas de boca em boca, nos gestos e imagens que compõe a vida comum, os seres reinventam a vida em encruzilhadas” (RUFINO, 2019, p. 39).

Observamos o profundo sentido ético da palavra, enquanto manifestação de realidades distintas nos cruzamentos de sentidos e conceitos de manifestar vida. Nesse sentido, a responsabilidade de quem prefere a palavra inscreve a criação de uma dimensão energética que cria, sobretudo, a existência do que se acredita, relacionando os tempos presente, passado e futuro:

Assim como em África, onde tudo dentro do espaço da vida comunitária africana se construiu/desconstruiu, por séculos, pela eficácia da voz que tanto re(in)staurava o passado quanto impulsionava o presente, como anuncjava o futuro, antes de e durante os séculos de dominação branco-europeia, quando a escrita não era um patrimônio cultural do grupo (MARTINS, 2021, p. 95)

A relação ética manifesta pelo fundamento da oralidade, correlaciona passado, presente e futuro através do movimento espiralar, é vivenciada todos os dias pelos povos marginalizados. Ela proporciona a recriação de novas perspectivas a partir do que foi exercido na figura da violência epistêmica, transformando apagamento em vida. Observamos que o sentido ético da Pedagogia das Encruzilhadas considera justamente no acolhimento de saberes distintos e vivenciados, como material destinado e repensar novas perspectivas educativas, a fim de abrir “caminho para outras invenções que transgridem os desvios existenciais e o desmantelo cognitivo incutido pela ordem colonial” (RUFINO, 2019, p. 20).

Dada a relevância da oralidade como premissa existencial e cultural da cosmogonia africana, entendemos o exercício da liberdade de exercer a palavra, colabora para a criação e recriação de novos seres. Em outras palavras, “a ética é a ordem do acontecimento, e, por isso tudo, ela é uma categoria que se relaciona antes com tudo com as atitudes. Somos condenados à escolha, e a escolha pode lograr-nos a liberdade” (OLIVEIRA, 2021, p. 172)

A oralidade aqui, é interpretada como a criação e o alimento da própria vida, onde Exu opera seu primado de existência e coexistência carregado de responsabilidade. Esse processo não é dado como simples. Já vimos que os precedentes coloniais instaurados por uma cultura nacional, carregam marcas que reverberam na forma como enxergamos o mundo, e principalmente como interpretamos o sentido ético que nos foi ensinado. Rufino (2019) se refere a essa tomada de decisão individual, como um agir ético, onde na relação com o outro,

é possível utilizar a crítica ao colonialismo como virada de transformação a um outro senso ético responsivo/criador. Sodré, na obra *Pensar Nagô*, aponta que a modernidade aponta um grande risco para os conceitos da ética, visto que são permeados por interesses movidos por uma lógica mercadológica quando observa:

[...] velhas suspeitas sociológicas no sentido de que o indivíduo da modernidade atual tende a trocar a ação deliberada (plena de liberdade ética) pelo “comportamento reflexo”, isto é, pela conduta baseada na mera racionalidade funcional ou no cálculo utilitário dos efeitos, afins à conveniência dos sistemas técnicos e do mercado (SODRÉ, 2017, p.)

As palavras de Sodré (2017), apontam para as armadilhas da contemporaneidade, diante de realidades tão complexas quando falamos em dimensões éticas. A prevalência dos interesses econômicos e individuais hegemônicas, que ameaçam premissas éticas que prezam pela humanização, são marcadas mais uma vez pela separação. Podemos tomar como exemplo, o conceito de orientalismo versado por Said, a fim de mensurar a influência da colonialidade na realidade da atualidade:

O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre “o Oriente” e (a maior parte do tempo) “o Ocidente”. Desse modo, [...] o orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (SAID, 1990, p. 14-15)

É sabido que a influência mercadológica é o ponto de partida para a constituição do neoliberalismo. Diante da necessidade de atender antes de tudo o funcionalismo e o racionalismo tratados por Sodré, o sentido da formação escolar e curricular é voltada também para a perpetuação de valores destinados ao capital e a geração de lucros. A referida negociação citada por Said, discorre sobre a dominância ocidental, e a relação de tensão existente entre dominância e dominados. Gomes e Araújo (2023) ajuda na contextualização da realidade brasileira mediante o conceito de orientalismo¹⁹:

É preciso ser realista e ter coragem para enfrentar o que está por vir diante do acirramento das tensões e das violências estruturais e coloniais no mundo e no Brasil. Os grupos poderosos que sempre mantiveram o poder econômico às custas

¹⁹ Ressaltamos que para a articulação desse trabalho, buscamos articular brevemente diferentes aportes teóricos, a fim de inspirar o exercício da articulação de saberes para a inspiração de uma poética em encruzilhadas. Para saber mais sobre o conceito de orientalismo consultar Said 1996

da exploração dos mais pobres se rearticularam. E toda sorte de violência e desigualdades que o grande capital e seus asseclas promovem se alastram com maior facilidade e rapidez, dada a estrutura colonial, racista e patriarcal sobre as quais se assenta o mundo, principalmente os países e povos mais pobres. Os tempos são insatisfatórios e de resistência democrática (GOMES; ARAÚJO, 2023, p. 43)

Observamos os desdobramentos de diferentes conceitos éticos, marcados por culturas que partem de princípios diferentes. Por um lado, o ocidente que fomenta a exploração da tensão entre ricos e pobres, ocidentais e orientais, a partir da prevalência de interesses econômicos e de poder onde a ética como princípio é baseada na classificação e quantificação, conduzidas pela lógica científica comprometida com a manutenção do racismo através da hierarquização.

Esses grupos hegemônicos do ocidente partem do conceito de que “as raças submetidas simplesmente não tinham o que era preciso para saber o que é bom para elas” (SAID, 1990, p. 48) o que sugere pensar que os subordinados não têm inteligência suficiente para delinear rumos para a própria vida, necessitando assim de um poder que os governe e que apresente um referencial coerente e forte, do que é cultura e ética, submetendo-os a um lugar específico de participação. Nas palavras de Said: “o orientalismo, portanto, é um conhecimento do oriente que põe as coisas orientais na aula, no tribunal, prisão ou manual, para ser examinado, estudado, julgado, disciplinado ou governado” (SAID, 1990, p. 51).

Por outro lado, o oriente tratado como objeto de estudo, objetificação e manipulação do ocidente, tem na premissa afro diaspórica o princípio ético da oralidade (como já tratado anteriormente), no encontro com outros conceitos variados, descritos por Oliveira (2021, p. 8) como: “corporeidade, encantamento, rito, mito, beleza [...] que perfazem uma reflexão que se desloca, frequentemente, entre a epistemologia, a ética e a estética, guardando ainda relações com a política e a ontologia”. É possível articular tais definições, a cosmogonia iorubana e o ensinamento de que “tudo o que há no mundo é dotado de caráter”. Sendo assim, o caráter é diretamente ligado a ética ou a “capacidade de ser, sendo”. A realidade e as formas como operamos no mundo no cotidiano, envolvem um compromisso com a própria vida e com o outros, o que implica por vezes, tomadas de decisões que nem sempre são convenientes a ética senso comum dominante (RUFINO, 2020, p. 385)

Enquanto práticas coexistentes, as éticas ocidental e oriental são inscritas no contexto brasileiro, demonstrando o compromisso da *pedagogia das encruzilhadas* com o enfrentamento da subordinação:

Educamos/formamos para os mais diferentes fins. A proposta aqui lançada orienta práticas e tece experiências para salientar o inconformismo, a rebeldia. Porém, na contramão desse fluxo, há esforços mantenedores para educação que tendem a fortalecer mentalidades e práticas conservadoras, antidemocráticas, contrárias ao reconhecimento e credibilizarão da diversidade de saberes e ao compromisso com a justiça social/cognitiva. E educação não pode ser absolvida de uma crítica que a cruze às dimensões do colonialismo (Rufino, 2019, p. 77-78)

Observando que a prática decolonial não prende os saberes a um modelo comum a ser atingido, ao inscrever na própria história a perspectiva de sabedoria ancestral, é possível rearticular os conceitos éticos na construção de um novo mundo, que considere as individualidades e a vida como sendo a principal premissa ética, onde trocas fortalecem o senso coletivo de existência e coexistência, pois é na diferença que a humanidade se constitui plural. É importante ressaltar esse ponto justamente nos intuitos educacionais, onde teoria e prática, nem sempre se encontram:

Nas escolas brasileiras, aprendemos sobre coisas, que tem por efeito operar na regulação do conhecimento, pois nos é ensinado que fragmentos da experiência social, que a rigor é diversa, seria universal. Assim, determinados conhecimentos que são somente parte das experiências sociais são eleitos para autorizarem e legitimarem o que seria comum a todos (RUFINO, 2020, p. 384)

Descritas as interligações dos princípios políticos, poéticos e éticos da *Pedagogia das Encruzilhadas*, podemos observar que a cosmogonia iorubana materializada nas manifestações de Exu, representam um enfrentamento explícito a lógica colonial, na quebra da dicotomia de uma lógica ocidental dominante. Esse enfrentamento se dá justamente no uso dos conhecimentos ancestrais coletivos, que sofreram uma intensa tentativa de apagamento e sobrevivem através de frestas e encruzilhadas alimentadas pela energia vital individual e ancestral. Nesse ponto, observamos a necessidade de aprofundamento dos intuitos dessa pedagogia, aplicado às crianças. Como o protagonismo infantil é permeado pela ação de Exu, visto que as crianças são invadidas constantemente pelos interesses dos adultos? Como a literatura negra para crianças pode fornecer a elas ferramentas poéticas movidas pela diversidade e coletividade, imbuídas da responsabilidade consigo mesmas e com os outros?

Seguiremos no capítulo III exemplificando como a potência das crianças em suas diferentes formas de viver a infância tem permanente ligação com a lógica de Exu, através do protagonismo, criatividade e recriação do mundo.

2 PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS E O PROTAGONISMO INFANTIL: LIÇÕES DE PROVOCAÇÃO AOS ADULTOS

É sabido que o campo dos estudos da infância tem ampliados as possibilidades de diálogo com o universo infantil e a forma como entendem o mundo. Observamos nos capítulos anteriores, como a conceituação do Orixá Exu e sua livre manifestação através das encruzilhadas e caminhos, se misturam às práticas cotidianas em todos os seus desdobramentos, possibilitando sempre um horizonte de enfrentamento e resistência; segregação e bipartição.

As crianças não passam imunes a esse processo, sendo inclusive alvo do silenciamento por parte dos adultos, em uma sociedade onde a movimentação financeira e a primazia do capitalismo, deixam em segundo plano as vozes infantis. Esse capítulo destina-se a colocar *as* infâncias brasileiras no campo das encruzilhadas, onde os “princípios exusíacos” denominados por Rufino (2019, p. 91), ligam a pulsão de vida infantis diretamente ao orixá Exu, numa dinâmica ampla e vital de pulsão de Axé, que podem ser ampliadas por uma literatura negra voltada para crianças, como veremos no desenvolvimento desse trabalho.

Nesse sentido, entendemos que a mobilização da vitalidade infantil e da categoria infância, está em íntima ligação com a relação responsiva com o outro e o primado ético de Exu, visto que, enquanto seres sociais, as crianças também se constituem sujeitos através de relações positivas e negativas. Aplicamos então, a prática das encruzilhadas e suas diversas interações, a conceituação da Sociologia da Infância, no âmbito brasileiro, que a partir dos anos 90, começa a delinear caminhos para o diálogo com o conceito de infância. Nos valemos da definição de Sarmento:

A sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças, como objeto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada. A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social (SARMENTO, 2005, p. 361)

Considerando a Sociologia da Infância um campo de estudos amplo, que alarga o campo de estudos teóricos a respeito da infância ela oferece: “inversões interessantes, novos outros agenciamentos, novos pesquisadores, novas perspectivas sobre as crianças, um outro olhar, um movimento contra o adultocentrismo e o colonialismo” (ABRAMOWICZ apud FARIA; FINCO, 2023, p. 24), observamos que os estudos sobre as infâncias partem do

conceito dos direitos das crianças brasileiras, garantidos por legislação própria considerando aspectos históricos e culturais que precisam considerar as mudanças sociais e os desafios da contemporaneidade, inclusive no que se refere as exclusões sociais conduzidas pela hegemonia dominante.

Esse direito de pertencimento e participação em uma sociedade em que a maioria define papéis e regras é um campo ainda difícil para a compreensão dos adultos. Em breve retrospecto, historicamente, os adultos construíram a concepção de infância de modo progressivo. A palavra infância derivada do latim *infantia* refere-se à condição daquele que não fala. O lugar da criança nesse sentido é de subalternização. Nas palavras de Sarmento (2005, p. 368): “infância é a idade do não falante, o que transporta simbolicamente o lugar do detentor do discurso inarticulado, desarranjado ou ilegítimo”. Portanto o que a criança diz não é passível de escuta e validação.

A condição de ser criança é sinônimo de exclusão e negativação que historicamente colocou a criança na posição de subalternidade (conceito já tratado por Spivak no capítulo 1), cria um cenário de construção de um símbolo da infância onde: “uma criança ou se conforma, às normas sociais ou é tida como desviante” (ROSEMBERG apud BENTO, 2012, p. 24). Essa relação de dependência das crianças com relação aos adultos, perpassa um profundo projeto de disciplinação das infâncias. Conceito desenvolvido por Foucault, a disciplina: “é inerente à criação da ordem social dominante e assentaram em modos de “administração simbólica”, com a imposição de modos paternalistas de organização social e de regulação dos cotidianos” (SARMENTO, 2005, p. 369).

Logo, as crianças que passam pelo processo de disciplinação, são treinadas a serem pequenos adultos, que futuramente servirão a sociedade nos padrões hegemônicos. Crianças que fogem a esse padrão não interessam a esse modelo colonizador, logo são invadidas por uma imensidão de estímulos que as conectam com o mundo dos adultos, que podemos denominar também como visão adultocêntrica.

Ainda no viés histórico, avançamos para o campo da Sociologia da Infância que segundo Abramowicz (2023, p. 27): “fez dois movimentos ao mesmo tempo: a crítica à psicologia do desenvolvimento/comportamento e à sociologia da educação. São duas áreas que ela fratura para poder se constituir”. Em outras palavras, A sociologia da infância rompe com princípios rígidos da psicologia piagetiana que instituem o desenvolvimento infantil em fases mediadas pela maturação biológica, normatização e normalização, para um campo de

pesquisa e individualidade. Quando falamos em sociologia da educação, outra cisão se apresenta quando a sociologia da infância intenta desescolarizar as crianças:

O que a sociologia da infância francesa pretendeu foi desescolarizar a criança, pensar a criança para além do *métier* do aluno, como a criança encarna o *métier* da infância para além do aluno, na realidade é quase um retorno à sociologia, não mais uma sociologia da escolarização, mas a uma sociologia da socialização (ABRAMOWICZ apud FARIA; FINCO, 2023, p. 28)

Observamos com bastante nitidez o caráter transgressivo a que se propõe a Sociologia da Infância mediante a constituição da história da infância subalternizada e disciplinada. Ao ser inscrita no campo da pesquisa, assume um caráter evolutivo que rompe com padrões estereotipados e normatizados, ampliando as possibilidades efetivas da infância enquanto categoria social, em constante evolução e reconstrução. Quando falamos do campo da sociologia enquanto socialização, precisamos considerar que as crianças e suas diferentes infâncias, são atores de uma construção social onde a troca nas diferentes condições sociais das diferentes infâncias, nas encruzilhadas das vivências de encontros e desencontros, desenvolvem nas crianças cada vez mais protagonismo e discernimento das realidades que vivem. Sarmento vai além com o alargamento do conceito da contemporaneidade e diferença social. Que relações podemos estabelecer com Exu?

[...] as encruzilhadas da infância contemporânea não fazem senão realçar a sua diferença como categoria geracional distinta, nos planos estrutural e simbólico. É essa diferença que compete à sociologia da infância esclarecer. No entanto, torna-se prioritário esclarecer, no plano teórico analítico, que dentro de um modelo comum de desenvolvimento da *norma* da infância, é absolutamente indispensável considerar a diversidade das condições de existência das crianças e seus efeitos e consequências sociais (SARMENTO, 2005, p. 370)

Indicada por Sarmento, a diversidade vem justamente de encontro a lógica exusíaca, já tratada anteriormente como potência infantil. Sendo Exu o “princípio comunicativo entre os seres, as divindades e os ancestrais” (RUFINO, 2019, p. 23), a contemporaneidade e diferentes problemáticas sociais, inscrevem as crianças num contexto amplo, numa encruzilhada de concepções. Bento (2012), aponta que a psicologia e a biologia apontam não uniformidade da infância, mas justamente a estrutura e espaços sociais constroem as diferentes formas de ser criança, e viver a infância.

Nesse sentido, precisamos apontar que o marcador econômico torna as formas de ser criança muito distintas. A infância de uma criança rica não é igual a de uma criança pobre, assim como a infância de uma criança preta, não é igual a de uma criança branca, como

apontado por Abramowicz e Oliveira (2012), pois famílias negras vivem com mais intensidade as consequências das desigualdades econômicas.

Logo, a inscrição da lógica exusíaca, perpassa tais fatores, onde a chave infância pode ser um grande marcador da mudança pois as crianças: “são portadoras do futuro, do devir, mas também são a fissura, o corte, a descontinuidade” (BENTO, 2012, p. 60).

A relação das infâncias e das crianças é intimamente ligada com a sociedade que virá, ao passo que também é próxima dos seus antepassados. A lógica exusíaca está justamente em todas essas possibilidades, inclusive de rompimento, na criação de um novo rumo, para os adultos do futuro e das novas crianças que virão. Voltamos propositalmente os olhares novamente para Exu e sua capacidade de subverter o tempo. Passado presente e futuro coexistem, numa dinâmica em que a criança é protagonista do seu destino.

2.1 DIFERENTES INFÂNCIAS E OS PRINCÍPIOS EXUSÍACOS COMO PRÁTICAS DE POTÊNCIA INFANTIL

Observando que a construção do protagonismo infantil nas vias da contemporaneidade se aproxima da diversidade proposta pela Sociologia da Infância, nos valemos da lógica exusíaca descrita por Rufino (2019) para entrelaçar as diversas interpretações, colocando na encruzilhada a vitalidade infantil. Quando afirma que “linguagem, comunicação, movimento, possibilidade, ambivalência, inacabamento, imprevisibilidade, transgressão, corpo e dinamismo (RUFINO, 2019, p. 91), são os fundamentos da lógica guiada por Exu, podemos associar facilmente cada uma delas a manifestação infantil e suas potências individuais, que desafiam os adultos e podemos indicar como provocações, a começar pela linguagem de enfrentamento e questionamento que são inerentes às crianças. Quase sempre os adultos não oferecem respostas satisfatórias, visto que a comunicação nem sempre passa pela compreensão mútua.

O movimento, quase sempre alvo a ser controlado pelo adulto quando a criança não se enquadra ao que parece ser satisfatório ou aceitável, ceifa possibilidades de a criança conhecer a si própria, seu corpo e gestos, como formas de ser e estar no mundo.

A ambivalência já tratada no capítulo anterior, toma grande proporção quando marca a existência de crianças e adultos. A condição humana é marcada pelas mesmas necessidades que podem se revelar de forma diferente em fases de desenvolvimento específicas. Porém, observamos que quando falamos em movimento, quase sempre é controlado nas crianças pelos adultos, como por exemplo, o tempo para divertir-se, sentir, dialogar e conhecer;

O inacabamento aponta diretamente para a condição humana de nunca ser pronto, terminado e preparado. Condição esta que é exigida das crianças na contemporaneidade quando precisam mostrar que são boas em tudo o que realizam;

A imprevisibilidade, como aquilo que aparece como surpresa, para a criança pode ser meio de investigação, para o adulto um problema para se adaptar e resolver; A transgressão, o corpo e o dinamismo que, profundamente dependentes são a mais pungentes manifestações da potência infantil, e a forma como se comunicam com o mundo que as cercam, onde através do brincar, podem exercer seu direito de ser e estar no mundo:

A brincadeira invoca um reposicionamento do ser via corpo, memória, afeto, comunidade, partilha, e inacabamento de si. Brincar não é apenas algo reduzido a uma determinada experiência, mas uma libertação da regulação submetida a esses aspectos que compõem o seu ato. Para um mundo que investe na dominação e alteração das formas de se usar o corpo, invocar a memória, sentir o afeto, viver a comunidade e tecer a partilha, a brincadeira como expressão de liberdade do ser é um ato de descolonização (RUFINO, 2021, p. 70)

É sabido que as crianças e as infâncias das crianças negras são marcadas em suas formas de viver a infância na plenitude. Nas palavras de Abramowicz e Oliveira: “as temáticas da diferença, da diversidade e da alteridade são essenciais para entendermos o que vem sendo chamado de cultura da infância, bem como a criança como ator social no Brasil” (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p. 51).

A importância da contextualização com as diferentes realidades das infâncias, oferece ferramentas para que possamos aplicar a infância brasileira e o campo das relações.

Podemos apontar então, algumas caracterizações desse encontro-cruzamento-encruzilhada²⁰, quando Sarmento e Cerisara (2004) apontam quatro eixos estruturadores da sociologia da infância, onde podemos observar mais atentamente as possibilidades de manifestação das potências infantis, a partir de realidades diferentes onde vamos correlacionar o conceito exusíaco proposto por Rufino.

O primeiro eixo descrito como *interatividade*, tem como pressuposto o conceito de que as crianças aprendem com outras crianças, em comunidade e em espaços de partilha: “A cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia” (SARMENTO, 2004, p. 23). Em outras palavras, é na relação cotidiana com as diferenças e semelhanças, acordos e desacordos, que as crianças estabelecem sua forma única de enxergar

²⁰ indicamos o termo encontro-cruzamento-encruzilhada, justamente para convocar a potência transgressora da interação, promovida por Exu, na relação com a sociologia da infância.

o mundo, ao passo que recria e problematiza a partir do que vê. Nas palavras de Rizzoli (2023, p. 6): “os sons, as palavras, os gestos, e os olhares são todos instrumentos, utilizados para criar um lugar de encontro”.

Há algo muito sensível quando falamos em interatividade, pois simultaneamente encontramos segurança a respeito do que sabemos e insegurança e partir do inusitado. É justamente nesse ponto que a criança transita quando dialogam e interagem, o que para o adulto, pode aparentar deslocamento e insegurança. Aqui também habita a presença de Exu “ele brinca esse diverte com a nossa obsessão pelos esclarecimentos, pela segurança da verdade... e porque ri da fragilidade desses nossos regimes, opera nos vazios deixados por nossos próprios discursos” (RUFINO, 2017, p. 63). Um breve conto de Santos (2023) colabora com a elucidação:

Uma vez, fui para a cidade pedalando com minha neta de nove anos. Ela vinha me dizendo: “Vô, minha bicicleta é melhor do que a sua! Eu pedalo mais do que o senhor! De fato, a bicicleta dela é melhor, e de fato ela pedala mais! Mas, ainda assim, ela sente medo quando passa um carro. Ela tem a energia, a velocidade e a habilidade, e eu tenho a minha experiência. Iámos confluindo, confluenciando. (SANTOS, 2023, p. 33)

A relação da confluência e a interatividade, na troca de saberes. A energia da criança, a presença e pulsão de vida, mescla com a experiência, num movimento de renovação constante tanto individualmente, como coletivamente, como interpretado nas palavras de Pereira: “na companhia de Exu, aprendemos a vivenciar a particularidade que é ao mesmo tempo, inserção na coletividade e vice-versa”. (PEREIRA, 2022, p. 129). Podemos entender a particularidade como individualidade. Nesse sentido, a concepção de mundo das crianças é construída justamente nesse espaço, na vivência com sua comunidade. É nesse coletivo que o conhecimento e a cultura confluenciam, o acolhimento da criança como vitalidade e axé, criam oportunidades para a expansão de uma cultura pautada na pluralidade.

O segundo eixo denominado *ludicidade*, indica que a brincadeira não é exclusiva do mundo infantil, mas pertence a condição humana. Adultos encontram maneiras de brincar a seu modo, e colocam na brincadeira, questões muito particulares que nem sempre serão nítidas a quem vê e participa delas. Nesse sentido, podemos concordar com Gouvea (2007, p. 115): “brincar constitui uma das ações através das quais simbolizamos o enigma do ser humano, inserido no universo cultural”. O enigma presente no universo adulto contém diferentes variações de sensibilidade, disponibilidade, e principalmente o ego do adulto.

No movimento de interatividade com as crianças, adultos tem a oportunidade de permear possibilidades de testar suas convicções e certezas. Esse ponto é bastante interessante, quando consideramos o protagonismo infantil e sua capacidade de criar cenários de possibilidades, enquanto reflete sobre a realidade. Possibilidades que para o adulto são muitas vezes impossíveis, para a criança pode ser inesgotável. Essa capacidade criativa de criação e transformação é o que torna a ludicidade infantil um grande artifício que a torna recriadora de situações possíveis e subversivas. Assim como Exu, a criança “organiza, desorganiza, faz a finta, brinca, esculhamba, mente, descortina, abre, faz, e encarna caminhos, se mostra de forma múltipla para que cismemos das histórias que nos foram contadas” (RUFINO, 2017, p. 62).

Assim como o exemplo do avô que anda de bicicleta com sua neta, quando o adulto se dispõe a dividir e construir possibilidades, enxergando a criança como parceira ao contrário de aprendente, a ludicidade toma um caráter de construção e troca. A infância como categoria assume seu lugar de relevância, pois enquanto seres sociais nos valemos de uma “política do conhecimento, uma vez que consideramos que tudo que existe, participa de maneira inteligente nesse enredamento chamado vida” (RUFINO, 2023, p. 32)

É justamente nesse ponto que o teste a figura do adulto acontece. Na interpretação de Gouvea (2007), a criança atribui sentido ao prazer de realizar determinada atividade, e não ao resultado desta, ao contrário dos adultos. Na certeza, existe uma brecha que é testada e descortinada pela criança. A figura que para ele, adulto, é incompleta e inacabada, toma aqui o poder de transformação na figura da dúvida, do questionamento e muitas vezes na mudança de rumos da própria vida. É a experiência do avô colocada em prática, quando observa antes de tudo, o que é melhor para si e para a neta.

Nesse sentido, a ludicidade tem total relação com o cotidiano das crianças, sua família e a comunidade. O brincar em suas variações, sempre será refletido pela criança como espelho do que encontram nas encruzilhadas do que vivem e sentem, enquanto naturalmente, e nada discretamente são subversivas. Dito de outra forma, Rufino (2021, p. 71) colabora com um breve questionamento: “o que a criança faz quando quer explorar o mundo, inventá-lo e se lançar na experimentação das aprendizagens possíveis? Ela brinca”.

O terceiro eixo descrito como *fantasia do real*, é entendida na sociologia da infância como ferramenta de construção da visão de mundo da criança e a atribuição de significado que dá as coisas:

A dicotomia realidade-fantasia é demasiado frágil para denotar o processo de imbricação entre dois universos de referência, que nas culturas infantis efetivamente se encontram associados. Poderemos de resto, justamente, interrogar-nos sobre se essa imbricação não ocorre também no mundo dos adultos, isto é, se toda a interpretação não é sempre projeção do imaginário e se o “real” não é afinal, o efeito da segmentação, da transposição e da recriação feitas no ato de interpretação de acontecimentos e situações (SARMENTO, 2004, p. 26)

A provocação que esse trecho nos chama é justamente para o questionamento do que é a realidade. Como adultos, nos cercamos de palpabilidade, buscando a afastamento da imprevisibilidade. A relação que a criança estabelece com o que é material passa pelo campo da experiência em que o imprevisível passa pela reelaboração. Para Rizzoli: “a criança pode retomar sua própria experiência, ela ouve a experiência do outro e reelebora a experiência vivida. Nesse processo, ela percebe um significado e dá uma forma, um sentido legítimo ao que experimenta” (2007, p. 10).

Nesse movimento espiralar onde o passado se relaciona com o presente e a cultura que molda o futuro, as formas de distinguir fantasia e realidade são muito singulares, e não determinante de uma única forma. Exu nessa relação potente não se rende a um formato, está presente em todos:

Exu é a expressão da singularidade e da estrutura. Acontece que essa singularidade é polifônica, polimorfa, polissêmica e acontece também que essa estrutura ginge. Exu é o signo forte da cultura. Não pesa sobre ele uma definição. Ele tem muitas faces. Ele não é de verdade, mas interpretação. Ele não é essência, mas devir. Ele não é monolítico, mas diverso. Ele não é moral, mas ético (OLIVEIRA, 2021, p. 17)

Assentes da condição inconclusiva do que seja o universo de referência de adultos e crianças, e sabendo também o quanto as realidades interpretadas são plurais. Também no campo da literatura, que trataremos mais adiante, indicam Pereira e Nascimento (2020, p. 482) “as narrativas podem atuar na subjetividade do leitor em uma medida em que não podemos avaliar”. Essa relação singular que entrelaça cultura e polissemia posiciona Exu em todas as existências, não cabendo ele em uma verdade, e porque não dizer: “uma caixinha”. Nesse sentido, as crianças em suas diferentes formas de viver a infância, quando transitam entre fantasia e realidade, dialogam com a criação de novas formas de ver e sentir o mundo.

Esse grande poder que as crianças possuem crescem a medida que dominam as diferentes singularidades da dicotomia fantasia-realidade, as crianças recriam através da imaginação e curiosidade, situações que lhes serão úteis para sua realidade e sua capacidade de resolver problemas. Quando projeta seu imaginário sobre situações que vivencia, a diversidade predomina ao contrário da rigidez já instituída no adulto. Essa maleabilidade

presente na condição infantil, é dotada de um senso ético que preza pela diversidade. Assim a espiral continua a circular e retroalimentar. É o protagonismo infantil que atua pelas brechas.

Ao colocar em jogo suas escolhas e sua potencialidade, a criança sabe distinguir fantasia de realidade. “ela brinca com o real, sabendo que as fantasias são diferentes da realidade, reconhecendo que são dimensões distintas. Mas no ato de imaginar, em sua produção simbólica [...] ela comprehende e ultrapassa essa realidade, reconstruindo-a na imaginação”.

O quarto eixo denominado *reiteração* aponta que a repetição de práticas faz da criança e da infância uma constante prática de criação e recriação. Nas palavras de Sarmento, “A não literalidade tem o seu complemento na não linearidade temporal. O tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido.” (SARMENTO, 2004, p. 28)

Ao relacionar a criação e a recriação num processo de não literalidade, as crianças subvertem a organização precedida pela centralidade do adulto. Há um rompimento de uma escala linear, onde o tempo é sentido, refletido. Nas palavras de Gouveia: “mediante a repetição, a criança ordena suas emoções, disciplina seu mundo interno, dando-lhe logicidade” (GOUVEIA, 2017, p. 123). O caráter lógico inscrito aqui, não faz referência direta a estruturação do adulto, no caso, a linearidade e as inseguranças que esta provoca no adulto, mas a o poder que a criança possui. Desse modo, a figura central do adulto perde o sentido centralizador: “o adulto, com o coração liberto do medo, goza uma felicidade redobrada quando narra uma experiência. A criança recria toda a situação, começa tudo de novo” (BENJAMIN, 1994, p. 247-248).

Aproximando o sentido da reiteração e as práticas de comunidades ligadas as práticas de subsistência, podemos nos valer dos escritos de Santos (2023):

Fui criado brincando de fazer o que os mais velhos faziam. Eles passavam o dia no engenho produzindo rapadura, melaço, batida e beneficiando a cana de açúcar com tração animal. Nós, crianças, fazíamos a mesma coisa de brincadeira. Brincávamos de farinhada e moagem, de fabricar engenho e produzir, só que nossos bois não eram bois vivos, eram bois artesanais. Eram frutos que podíamos aproveitar, madeira do mandacaru que esculpíamos. Brincávamos de ser adultos, de fazer o que os adultos faziam. E assim aprendíamos a fazer tudo. Mas também brincávamos de festeos feitos a partir da arte local, da arte do nosso povo. (SANTOS, 2023, p. 24)

Ao repetir, refazer e criar o ato de brincar, o protagonismo infantil é colocado em jogo. Podendo ser associados também aos princípios exusíacos, quando brincam de ser adultos, além de relacionar a brincadeira e realidade, as crianças recriam universos possíveis de

recriação da própria cultura, em um contexto cultural marcado por imprevisibilidades e ambivalências. As crianças ao mesmo tempo que aprendem tudo, não deixam de movimentar, comunicar e transgredir o cotidiano através da brincadeira e a repetição destas, onde passado, presente e futuro coexistem.

Quando refletimos até aqui a epistemologia situada por Exu passando pela contemporaneidade, a relevância do povo da rua presente nas comunidades e o sentido que as encruzilhadas tomam ao encontrar o protagonismo infantil, encontramos um amplo mobilizador dos saberes sociais inscritos numa realidade plural. Nesse ponto, chegamos a um denominador comum ao inscrever a palavra, a literatura²¹ e a vastidão artística que estas encruzilhadas podem encontrar.

A literatura infantil, entendida nesse trabalho como a literatura produzida por adultos para crianças, mostra grande relevância por si só e ainda mais robustez quando criadas produções literárias de escritoras e escritores negros, em que a valorização da negritude em diversos aspectos sobretudo cultural e estéticos, proporcionam às crianças o reforço positivo da sua autoimagem. O literário atento as diferentes realidades assumem um papel de suma importância na manifestação quando associados aos quatro eixos da sociologia e cultura da infância. Está presente em cada uma delas quando se manifesta pelas vias do diálogo: “a literatura instaura-se no trabalho com a linguagem, reveladora de pistas para a idealização da vida não tal qual ela é, mas como ela pode ser. Daí sua perenidade (AGUIAR, 2007, p. 11).

Ao adentrar o campo da interatividade, a literatura colabora para um sentido comunitário, quando proporciona a relação entre as pessoas, por exemplo, quando se contam histórias (RIZOLLI, 2014). Na correlação entre experiências e trocas, a ludicidade, as construções potentes que surgem a partir da fantasia do real, e a reiteração atuam conjuntamente; a criança coloca na brincadeira suas experiências a partir das histórias que ouve, constrói novos enredos imbuídos de legitimidade, sentimento e verdade individual. É a co-criação através da cultura. Veremos a seguir como a literatura negra para crianças contribui para o desenvolvimento biopsicossocial das crianças, onde a primazia pela cultura e a valorização da ancestralidade brasileira assume papel fundamental.

²¹ Nos referimos tão somente agora ao campo da literatura por entender que ela está presente em todas as encruzilhadas que permearam o trabalho até aqui, sendo essencial para o trabalho em questão, refletir em diferentes pontos de vista, em vastas esquinas, variáveis importantes da repercussão que o literário de forma geral pode inspirar ao imaginário infantil.

2.2 PROTAGONISMO INFANTIL E A NECESSIDADE DE UMA LITERATURA NEGRA PARA CRIANÇAS

Observamos anteriormente, como a cultura afrobrasileira associado nesse trabalho na figura de Exu reverbera desde as estruturas sociais basilares, até a pulsão de vida e subversão manifesta pelas crianças na simplicidade cotidiana. Nesse processo em que a cultura antes subalternizada agora instaura o conhecimento contemporâneo, a cultura popular perpassa a literatura. De acordo com Zilberman (2003), a literatura infantil, necessita de uma avaliação sobre as relações que estabelece, principalmente no que se refere a ordem social e a estética de onde origina. Aqui as singularidades literárias e sua linguagem narrativa “acaba por organizar a percepção infantil do mundo, às vezes quando é negado à criança pela escola ou pela família. Por isso o texto precisa ser coerente e verossímil, sem o que não coincidirá com as expectativas do leitor. Cabe-lhe, pois, ser literatura” (ZILBERMAN, 2003, p. 57).

Logo, o sentido de uma literatura que personifique a representatividade do leitor, é declaradamente imbuída de um sentido aqui entendido como descentralizador de um modelo cultural hegemônico, onde o leitor na figura da criança é protagonista e capaz de criar um sentido para o que sente e vive. Pestana e Oliveira são enfáticas com esse sentido, ao apontar que “é função do texto literário, além de entreter e despertar o imaginário infantil, promover situações em que sejam derrubadas as bases que sustentam até hoje, o racismo no Brasil” (PESTANA; OLIVEIRA, 2021, p. 13).

Observamos então, a relevância da representatividade e de aspectos do texto literário que apresentem possibilidade de construção coletiva e partilha. Como apontado por Dionizio (2010), a literatura como manifestação artística, pode despertar com profundidade os desejos dos leitores. Promotora de contato, a arte envolve troca de diferentes realidades, “a literatura-arte, pode abrir múltiplos espaços para novas possibilidades de conhecer, e não se pode tirar da literatura infantil esse papel tão importante na formação do pensamento” (DIONIZIO, 2010, p. 44).

Entendemos, portanto, que a criança quando representada em obras literárias, de forma que seus sentimentos mais particulares possam ser despertados, confere a literatura negra para crianças um aspecto de proximidade, semelhança e de acesso, sentido reanimado por Horta:

[...] a criança afrodescendente brasileira só poderá “acender a fogueira” a partir do momento em que se enxergar como parte formadora da sociedade, não como vítima, mas como colaboradora. Tão importante como denunciar a discriminação é

apresentar ao universo infantil motivos para se interessarem e valorizarem as culturas africanas (HORTA, 2010, p. 6)

De encontro a essa afirmação, Oliveira (2010) reforça o papel da literatura negra através da luta da Negritude²² ¹⁹ com relação a construção histórica por meio do viés da arte, ao afirmar que: “recriar, redimensionar o universo circundante através da arte, de modo a possibilitar outros olhares, cosmovisões e meios de representação de grande parte da população” (OLIVEIRA, 2010, p. 44)

Desse modo, pode a literatura negra para crianças²³²⁰ toma a proporção de legado histórico quando se manifesta como política e socialmente (RODRIGUES; AQUINO, 2010). Histórico porque a infância se desloca do papel de submissão para o ativismo e participação. Político, quando subverte o adultocentrismo, instaurando a infância como categoria social tão importante quanto a categoria adulta; e social quando as crianças como colaboradoras, conhecem e refletem a seu modo sobre suas origens, o que transmite aos futuros adultos, novas formas de atuar e entender o mundo. A literatura nesse sentido, se reveste de um aspecto de originalidade “não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas” (ZILBERMAN, 2009, p. 56).

Esse tom de originalidade, toma grande proporção quando situamos a literatura negra para crianças e os estímulos estéticos que essa literatura pretende proporcionar. A aproximação com o universo infantil e suas peculiaridades: “o contato original dela com o mundo se faz por intermédio da audição e da recepção de imagens visuais” (ZILBERMAN, 2009, p. 173).

É possível observar tais manifestações enunciativas, a literatura “desempenha um papel em tempos de atualização das estratégias que funcionam como tentativas de imposição de formas de pensar” (NASCIMENTO, 2019, p.16). Essa forma de utilizar novas estratégias de enfrentamento a hegemonia existente também no campo literário, faz da literatura uma importante ferramenta criativa que exercita a diversidade, na qual é inscrita também nos pressupostos da Sociologia da Infância.

²² No tocante a luta desempenhada pelos movimentos sociais desde o final dos anos 80, podemos considerar tal organização coletiva como primordial para que novos posicionamentos estéticos-artísticos que enxergamos hoje como possibilidade de considerar as diferenças como ponto de partida de mobilizadores de sentimentos reforçadores de identidades plurais. Ressaltamos também que para aprofundamento do conceito de Negritude, sugerimos inicialmente a obra Negritude: Usos e Sentidos do professor Munanga,

²³ Ouso indicar que a literatura negra feita pra crianças quando imbuída de um senso estético personificado pela estética das figuras, confere aspectos de valoração identitária. É o que veremos na análise textual de A luz de Aisha

Por exemplo, quando as crianças escutam histórias e veem nas figuras, situações que podem ser correlacionadas ao que conhecem, são estimuladas através da *interatividade*, a reproduzir e criar através da *ludicidade*, novas histórias e *fantasias que criam através do real* e do cotidiano. A literatura e os livros são utilizados em todas as suas potencialidades sobretudo quando as crianças pedem *reiteradamente* a repetição da leitura. Trazem para o sentimento e a cognição aquilo que as move. Aí está o papel da literatura, do literário em suas mais diversas manifestações, justificado nas palavras de Oliveira (2010):

É importante salientar a relevância de os personagens negros aparecerem em diversificados papéis, de antagonistas, protagonistas e não só secundários. Desse modo, as crianças e jovens, tanto negras quanto brancas, além dos demais segmentos étnico-raciais, terão maiores possibilidades de se identificar e redimensionar olhares sobre si e espaço social, através da leitura literária.
(OLIVEIRA, 2010, p.53).

3 ANÁLISE TEXTUAL DE A LUZ DE AISHA: ENCONTROS DE CAMINHOS ABERTOS

Observando o trabalho realizado até aqui, indicamos através de diferentes pontos de vista o quanto a práticas de saberes em encruzilhadas, colabora com a descentralização do conhecimento hegemonic. A prática da sabedoria popular, articulado aos fazeres criativos do universo das infâncias em suas diferentes manifestações, nos aproxima da humanização e seus valores ligados a vida e logo, diretamente, ao Orixá Exu como marcador de onipresença preservando existência e diversidade. Através da pesquisa bibliográfica e a interpretação da narrativa nesse capítulo nos dedicamos a analisar a obra *A luz de Aisha*, com base nos pressupostos da encruzilhada de Exu e sua intensa ligação com os quatro eixos estruturadores da Sociologia da Infância, onde a figura de Aisha demonstra que literatura negra para crianças pode estimular através do protagonismo, as identidades das crianças.

A fim de identificar a potência dessa obra literária, partimos de uma breve conceituação da cosmologia Bantu-Kongo, em se tratando da arte Kindezi. A palavra derivada da língua kicôngo, tem como significado “dar cuidados especiais”. Assim, o ato de cuidar de crianças, para a sociedade Bantu-Kongo é imbuída de um senso fundamental de responsabilidade e compromisso sobretudo ético responsável. A arte Kindezi, nessa

perspectiva, entende a criança como uma grande potência “a chegada de uma criança na comunidade, é o nascer de um novo e único sol vivo” (FU KI-AU; WAMBA, 2000, p. 7).

Ao considerarmos a relevância dos cuidados necessários para a infância e suas individualidades, podemos observar o empoderamento que a cosmogonia africana confere à criança congolesa e as infâncias, o poder de propagar a vida e recriar cenários de caminhos abertos, onde crianças e adultos constantemente se encontram. Kindezi se revela por caminhos que envolvem significados sociais, econômicos e políticos onde a cultura Africana se entrecruza no passado, presente e futuro.

Socialmente, pois a arte Kindezi é precedida de uma espécie de cuidadora, denominado **Ndezi**. Este adulto é figura central para o desenvolvimento infantil daquela criança, “através do cuidado com crianças, uma pessoa aprende a maravilhosa habilidade de ser responsável por outra vida e de como transformar-se através de um novo padrão de vida [...] Através de Kindezi, os africanos adquirem essa habilidade, que tornou o africano não apenas um dos seres mais religiosos da terra, mas também um dos mais humanistas” (FU-KI-AU; WAMBA, 2000, p. 6). A importância da relação adulto e criança parte da complementariedade, oferecendo a sociedade, um senso comunitário mais fortalecido.

No sentido econômico, as pessoas velhas em Kindezi assumem um papel fundamental de sabedoria intelectual. Enquanto na sociedade, os idosos não são entendidos como força produtiva, ao ser designado como um velho Ndezi “são mental e espiritualmente fortes e sábios o suficiente, para manter a comunidade unida, mas sobretudo para construir a base moral da comunidade jovem e das gerações vindouras” (FU-KI-AU; WAMBA, 2000, p. 9). É importante considerar que os Ndezi idosos, podem ser remunerados pela sua atividade, colaborando para a manutenção de sua vida em sociedade.

E por fim, o sentido político de Kindezi, tem como base colaborar para que as crianças desde pequenas, colaborem nas decisões de sua comunidade, sendo participantes ativas dos processos de decisões coletivas em que os Ndezi são atuantes “uma comunidade sem juventude não tem futuro. Mas para assegurar um futuro positivo, a comunidade e todos os seus membros devem assumir a plena responsabilidade de educar sua juventude” (FU KI-AU; WAMBA, 2000, p. 12).

Observamos ainda, que os caminhos abertos pela obra Literária *A luz de Aisha*, sintetizam importantes especificidades da arte Kindezi, que assim como *Pedagogia das Encruzilhadas*, em seus princípios políticos, poético e éticos demonstram a relevância da

cosmogonia e cultura africana também para o campo da Literatura Negra para crianças, no sentido e a representatividade que elas têm direito.

A escolha da obra se dá justamente a partir do meu encontro com a poética das encruzilhadas da diversidade, e na relação que construo com as crianças no cotidiano diverso que é a escola pública, onde o fortalecimento da cultura popular ainda é um desafio diante da necessidade econômica de sobrevivência. No âmbito da contemporaneidade e as diferenças socio-econômicas, a lógica hegemônica chega até as crianças, muitas vezes sobrepondo o direito que possuem de viver a infância e os aprendizados inscritos nessa fase da vida. A obra vem de encontro a este trabalho, sobretudo, na atribuição de valores de protagonismo que Aisha exerce, na participação e recriação cotidiana de sua comunidade.

3.1 MEDIAÇÃO LITERÁRIA E A MANIFESTAÇÃO DOS PRINCÍPIOS POLÍTICOS, POÉTICOS E ÉTICOS NA ENCRUZILHADA COM A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: A CONTRIBUIÇÃO DE *A LUZ DE AISHA* PARA A LITERATURA NEGRA PARA CRIANÇAS

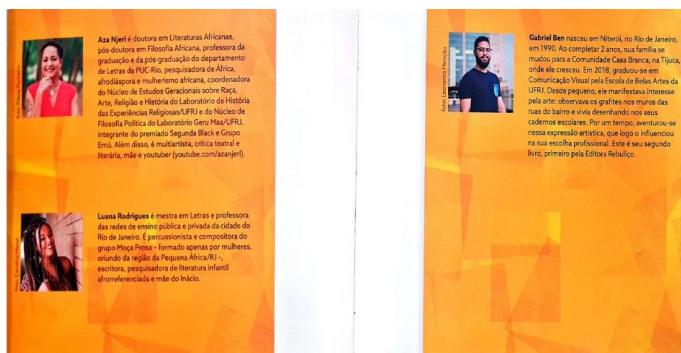
Demonstramos até aqui, como a lógica exusíaca defendida por Luiz Rufino, e a articulação de princípios políticos, poéticos e estéticos, são ferramentas fundamentais da transgressão da cultura afro diaspórica que o colonialismo tentou silenciar. O campo da Literatura não passa imune a esse processo, visto que as obras literárias de autoria negra²¹ têm se aproximado cada vez mais de produções ligadas ao vivido e sentido. Nas palavras de Maurício Azevedo²⁴, a literatura negra configura-se como literatura de resistência, ou seja, a que se constrói com a matéria da cultura africana que sobreviveu na América em presença da cultura europeia e indígena” (AZEVEDO, 2021, p. 38).

Azevedo nos indica profundo sentido para a produção de literatura a partir do cotidiano e a multiplicidade de saberes. Ao considerarmos como cultura de resistência a obra *A luz de Aisha*, de Aza Njeri e Luana Rodrigues, com ilustrações de Gabriel Ben observamos um encontro de saberes em encruzilhadas, a partir do paratexto. A apresentação das autoras da obra, através das imagens e texto, simboliza que a produção artística de pessoas negras se encontra em fazeres de duas mulheres e um homem, num espaço que é também de existência protagonismo e resistência. Na articulação com esse intenso processo de pertencimento, as

²⁴ Nos referimos aqui a autoria negra de acordo com Azevedo (2021), quando indica que a literatura afro-brasileira tem relação com experiências histórico materiais das comunidades negras

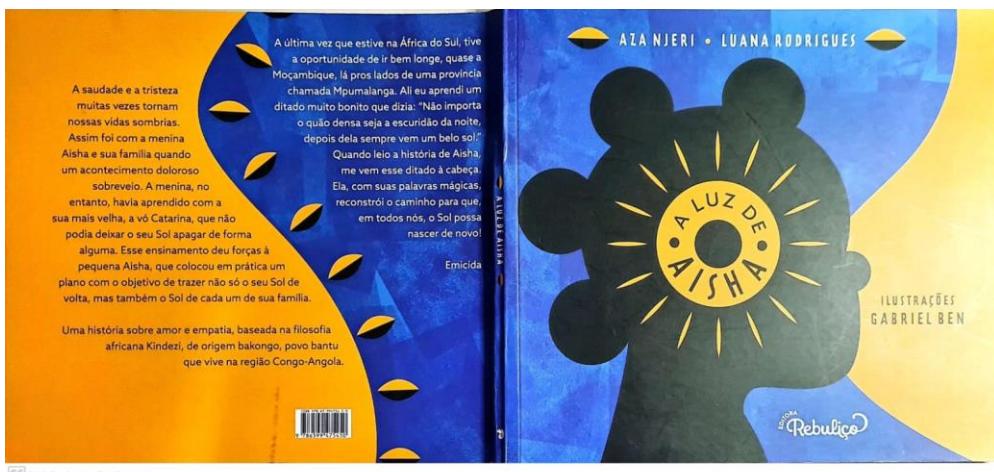
subjetividades das autoras e ilustrador, não deixam de passar pelo que chama Petit (2009, p. 36) de: “Oral ou escrita, a literatura é uma oferta de espaço” o que corrobora com o pensamento de Azevedo.

Figura 1- representatividade e protagonismo negro na criação e ilustração



Fonte: organizado pela autora

Figura 2 - capa A *Luz de Aisha*.



Fonte: Organizado pela autora.

A capa e contracapa da obra nos oferecem através da nuance de cores, pistas a respeito da personagem, e a ligação com o sol. O título da história impresso de forma circular, rompe com a ideia de linearidade da escrita ocidental. Além disso, dois pontos pretos estão na composição do círculo, podendo ser interpretados por dois olhos, embora a figura da personagem esteja em perfil.

As cores predominantes, azul e amarelo dão a ideia de que a personagem passa caminhando por elas passando pela sombra azul e adentrando novamente o amarelo. Há também a presença de pequenas e repetidas imagens concavas em amarelo e preto, assemelhando a imagem de um búzio e suas duas metades. Ainda sobre metades, observamos o trânsito da dualidade e os desdobramentos que partem dela em dois trechos que oferecem ao leitor, indícios do assunto da obra. Na parte azul da contracapa, Emicida²⁵ trata da relação entre claridade e escuridão: “não importa o quanto seja densa a escuridão da noite, depois dela sempre vem um belo sol”. A frase, em outras palavras, oferece pistas da íntima relação de descendência entre o dia e a noite, onde cada uma delas pode oferecer potenciais bastante específicos.

O mesmo vale para o outro texto presente também na contracapa do livro de fundo amarelo. A relação entre saudade e tristeza, sentimentos inerentes a condição humana diz brevemente que a dor não pode apagar a força “A menina no entanto havia aprendido com sua mais velha, a vó Catarina, que não podia deixar o seu Sol apagar de forma alguma”. Aprendemos com experiências, nos dá indícios o breve texto, tristes ou felizes, toda experiência ensina a partir do que temos no momento desse fragmento do sol interno sinalizado por Catarina. No encontro com as encruzilhadas Rufino indica que o cotidiano simboliza os cacos: “iniciarei pelos cacos, por aquilo que em meio aos escombros permanece vivo, no final, já reerguidos, cantaremos que os caminhos são inacabados” (RUFINO, 2019, Nota introdutória)

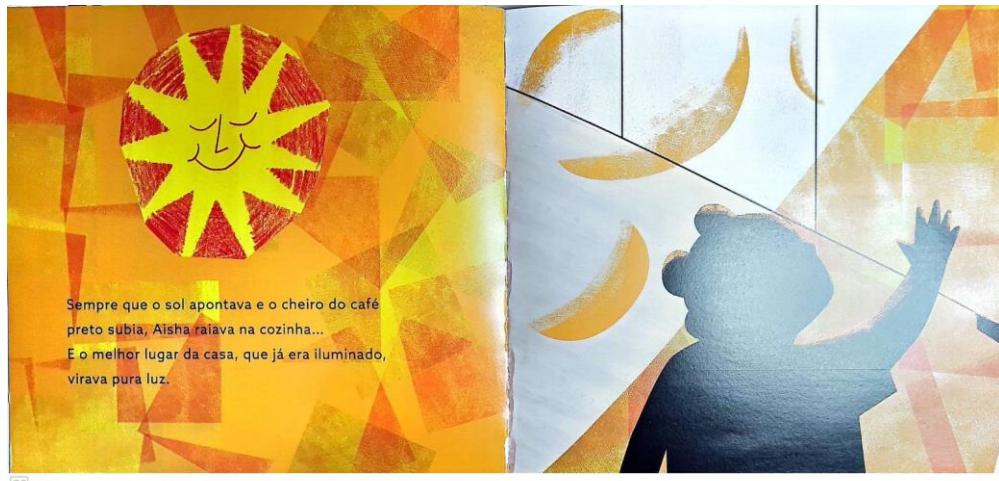
²⁵ Emicida é o nome artístico de Leandro Roque de Oliveira, músico brasileiro que através do Rap, divulga a valorização das raízes afro-brasileiras

Figura 3 - Aisha protagonista

Fonte: Organizado pela autora.

Aisha a personagem principal, é revelada na primeira página do livro(fig.3), com grafia em caixa alta. São usadas algumas palavras no diminutivo, a fim de enfatizar que Aisha é uma criança: pequenininha, pretinha, agitadinha são características quase sempre atribuídas às crianças, que, embora pequenas em tamanho, circulam pelas frestas e transitam nos detalhes. Porém, a única palavra utilizada no aumentativo é sorrisão. Além do sorriso como característica mais marcante, o nome Aisha significa Vida. A presença da vitalidade infantil, como na imagem, abre portas para a surpresa. Assim como Aisha, “Exu é compulsório a todos os seres e forças cósmicas” (RUFINO, 2019, p. 23), vida, vitalidade e disposição.

Figura 4 - Aisha e o cotidiano



Fonte: Organizado pela autora.

A trama da história começa a ser revelada (fig.4) e aqui podemos acrescentar a encruzilhada, os princípios da Sociologia da Infância conforme a história se desenvolve. O cotidiano de Aisha é marcado pela manhã, o sol e o café preparado na cozinha, o melhor lugar da casa. O espaço conhecido amplamente pela maioria das crianças, dá pistas de que o preparo do café sempre estará ligado a presença do adulto. O narrador da história, sintetiza tal afirmação quando indica que a luminosidade da cozinha aumenta com a presença de Aisha.

Gobbo e Ferreira (2018, p. 270) colaboraram com esse entendimento quando indicam que: “a apropriação dos produtos materiais e simbólicos da atividade dos homens faz parte dos processos de humanização acumulados de forma objetiva ao longo da história”. Isso sugere ao leitor algumas associações com o que conhece sobre a cena, a partir do que vive sente e experimenta. A cor amarela da página em diferentes tons, no contraste com a sombra, demonstra que a luminosidade é a própria personagem: “Aisha raiava na cozinha”. Interage com o meio despertando sensações e revelando a importância daquela criança, sinalizando que a interatividade já tratada no cap.2, faz parte da personalidade de Aisha através do “raiar” como veremos a seguir.

Figura 5 - Aisha e a família

Fonte: Organizado pela autora.

Apresentando o sentido do título do livro, a trama da história continua. Na imagem (fig.5), vários fatores relevantes reforçam a reflexão sobre o pertencimento. O núcleo familiar de Aisha, composto pelos avós, os pais e o irmão mais velho, revela que a rotina familiar é marcada pela presença. Ao enfatizar que todos pela manhã cumprimentavam Aisha, o respeito pela figura da criança fica caracterizado. “chegou o sol da nossa manhã” – diz o avô, o mais velho, representando a relação de Aisha com sua ancestralidade. Observando o que defende Leda Maria Martins:

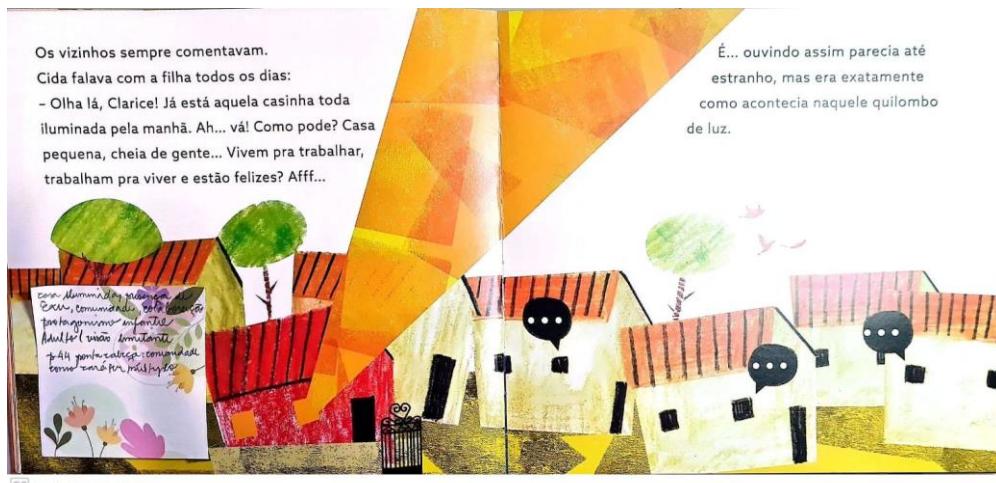
A ancestralidade, em muitas culturas, é um conceito fundador, espargido e imbuído em todas as práticas sociais, exprimindo uma apreensão do sujeito e do cosmos, em todos os seus âmbitos, desde as relações familiares mais íntimas até as práticas e expressões sociais e comunais mais amplas e mais diversificadas (MARTINS, 2021, p. 23)

Podemos então considerar que a imagem da família (fig.5), oferece possibilidades de entendimento sobre a ancestralidade²⁶ e oferecem boas pistas dessa efetiva ligação. A Avó Catarina, tem um sorriso largo como Aisha, as cores das peles dos personagens são semelhantes e apresentam leves nuances mais claras e escuras. A tonalidade dos cabelos dos

²⁶ Utilizamos nesse trabalho o sentido de Ancestralidade no que se refere a filosofia Kindezi e a importância das crianças como mobilizador da continuidade de uma comunidade.

personagens, revela que cabelos crespos²⁷ tem diferentes formatos de cortes. Essas observações mais do que comuns e que podem parecer óbvias é o que transmite às crianças a existência da diversidade e pertencimento o que também é um traço marcante da comunidade.

Figura 6 - Comunidade



Fonte: Organizado pela autora.

Em termos de contextualização, apontamos para a multiculturalidade nos termos de Debus (2009) quando aponta que:

O conceito de multiculturalidade é um conceito que nos chega do mundo anglo-saxônico (FERREIRA, 2003). Quanto a nós, entendemos este conceito de um ponto de vista holístico, no qual se incluem questões de várias ordens, não só étnica, mas também cultural, linguística, religiosa, sexual, social. Todas essas questões se encontram presentes nas sociedades contemporâneas, globalizadas, mas nem sempre são compreendidas, ou aceitas e em muitas delas, estamos ainda longe de uma harmoniosa coexistência (DEBUS; BALÇA, 2009, p. 63)

Para além do núcleo familiar, a narrativa agora (fig.6) é ampliada para os impactos da família de Aisha na comunidade, onde as relações não são homogeneizadas existindo divergências. Fora da casa, o que chama a atenção dos vizinhos é justamente a luz que emana dali e a divergência de modos de vida. Na imagem, a casa de Aisha e sua família é a única

²⁷ É sabida a importância da valorização das diferenças de biotipos, e diferentes tipos de cabelo. Porém para este trabalho, o foco de análise da obra está justamente nas encruzilhadas de saberes referentes ao protagonismo infantil.

colorida com a cor vermelha. Existe ali também a presença de um portão com a predominância do adinkra Sankofa, e uma das janelas sai um raio de sol, que emana para o alto forte raio de luz. Podemos complementar o entendimento sobre as relações comunitárias utilizando o pensamento de Rufino (2023, p. 44), quando indica que “a comunidade se firma como uma questão ontológica, epistêmica, ética, estética e educativa para todas a todos aqueles que têm seus mundos violentados pela dominação colonial”.

Essa comunidade, que apresenta traços periféricos, marcados pela estética de estruturas iguais, ao se defrontar com a diferença colocam em xeque um pensamento fundamental e complexo entre trabalho, vida e satisfação. A estrutura ontológica daquela comunidade se dá justamente pelas vias do questionamento. Os vizinhos, comentam a respeito do que não conseguem vislumbrar no seu cotidiano. Na ética da família de Aisha, é possível ser feliz, com a casa cheia de gente. Nesse enredo, o trabalho e a vida são interdependentes. As imagens nos oferecem essa informação ao sinalizar que a luz que emana da casa é o diferencial daquela família.

Por se tratar de um livro destinado as crianças, podemos nos deter ainda as ilustrações quando observamos desenhos de casas que as crianças estão acostumadas a produzir. A estrutura assemelha-se ao cotidiano periférico, e aos fazeres de desenhos escolares, o que configura mais uma vez o reforço do senso de pertencimento e identificação das crianças.

Como o marco econômico-social, é característica marcante das comunidades periféricas, o marco principal da história se apresenta (fig.7).

Figura 7 - Aisha e a mudança

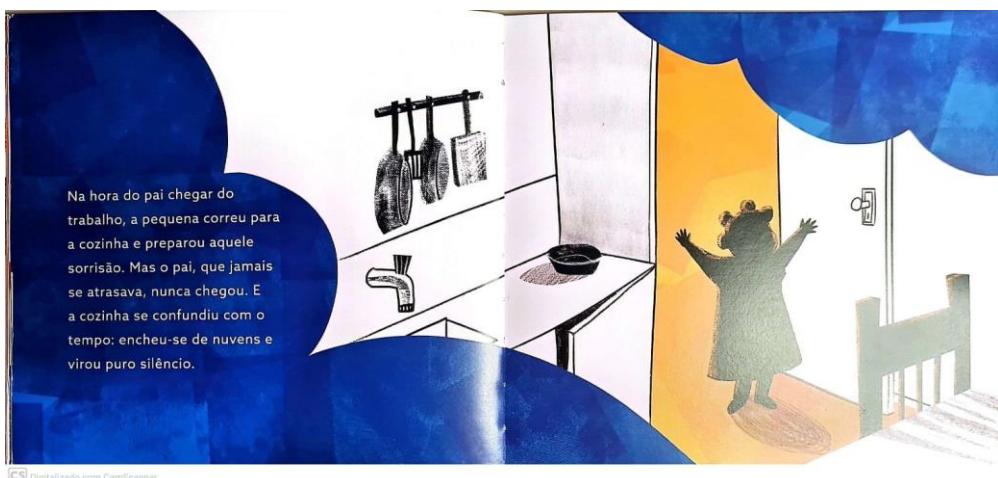


Fonte: Organizado pela autora.

O texto presente em uma nuvem azul anuncia a mudança (fig.7). Traz com profundidade, a potencialidade da literatura, como afirma Florentina Souza no artigo: Literatura e história (2022), a literatura transita entre as relações culturais e sociais, o que implica um processo de tensão na criação de processos de identificação. O que também é o caso da obra aqui tratada.

A transição das imagens do rosto de Aisha (fig.7) demonstram que apesar do sorriso, a luz não apareceu, o silêncio predomina e há uma tensão presente. A energia vital de Aisha se enfraquece. O contexto revela que a ausência de cor, transmite para Aisha uma experiência com a tristeza, mediada pelo silêncio. Para a criança, é justamente no campo da experiência que a literatura atua objetivamente ou subjetivamente.

Figura 8 - Aisha e a morte



Fonte: Organizado pela autora.

A presença do silêncio e das nuvens se estende pelo dia, Aisha se prepara para receber o pai (fig.8). O narrador, ao citar que o pai de Aisha nunca chegou, indica que aconteceu um falecimento. As páginas são tomadas por nuvens azuis, como se transitassem por aquele espaço. Esse trânsito, no entendimento da perspectiva nagô: “a morte não se limita à partida do corpo, a morte possibilita uma continuidade da vida, uma mudança de plano de uma existência para outro” (MORAIS, 2022, p. 222). A presença das nuvens, simboliza a transição que ocorre na vida de Aisha e sua família com a experiência da morte.

Figura 9 - Aisha e o impacto da morte



Fonte: Organizado pela autora.

Os impactos dessa transição ficam nítidos na continuidade da história (fig.9). A página, tomada da cor preta representa a escuridão que Aisha vê cercar seus familiares. A figura de Aisha, dessa vez construída com as cores branco e preto cercado de triângulos, sugere dois movimentos. O primeiro indicando que Aisha está cobrindo os olhos, o segundo aparenta que Aisha leva as mãos a cabeça. A criança está cercada de encruzilhadas, de acontecimentos que vão apagando seus familiares, simbolizados na página seguinte como três búzios fechados nas cores preto e azul. Mesmo fechados, no centro dos búzios há inscrito um pequeno sol, simbolizando a presença da vida, da energia vital. Na esfera das possibilidades e da energia, está Exu:

Um dos títulos concedidos a Exu, princípio progenitor e protomatéria de tudo constituído é o que referencia como Onã. Èsù Onã seria o senhor dos caminhos ou aquele que é o próprio caminho. Qualificado dessa maneira, Exu é aquele que nos concede mobilidade, ritmo, movimento e, por consequência, caminhos. [...] Onã é caminho circunstancial, imprevisível e inacabado. A ideia de caminho como algo determinado, linear, indicando início, meio e fim não encontra identificação nesse princípio (RUFINO, 2019, p. 47)

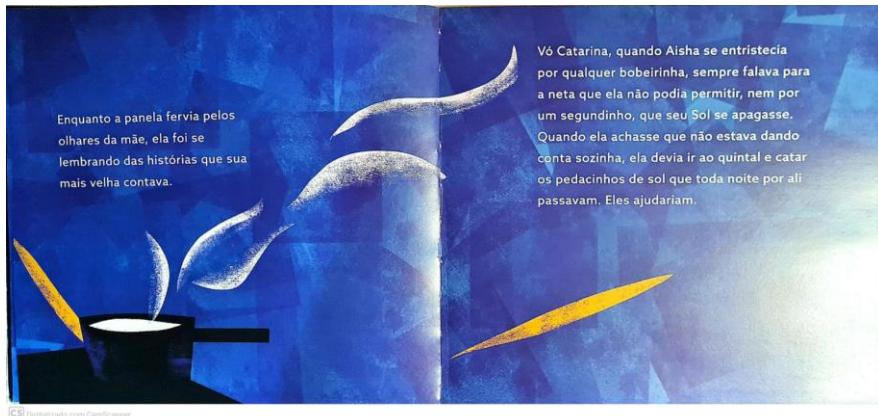
Figura 10 - Aisha e a subversão do tempo



Fonte: Organizado pela autora.

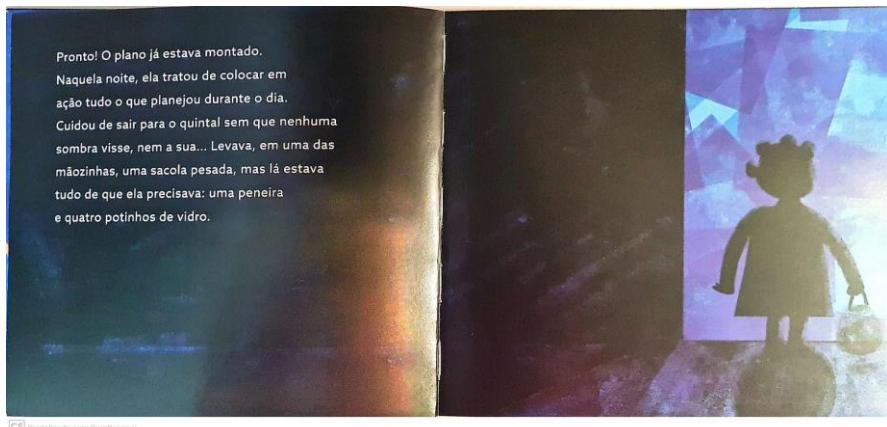
É justamente a partir dos caminhos inspirados por Exu (fig.10) e a passagem do tempo que Aisha passa pela noite e adentra novamente ao dia, a luz retorna para o campo de ação e reinvenção da trama. Nas palavras de Rufino (2017, p. 48): “a vida, enquanto reinvenção, pode vir a nascer daquilo que foi ontem, enquanto o futuro, como uma mera superação do passado, pode vir a significar a morte”. O narrador indica que Aisha tem uma ideia iluminada, embora a presença das nuvens e da neblina estivessem presentes. Observamos então, que a protagonista Aisha coloca em jogo o conceito de reiteração: “correu a dormir, correu a acordar” A ideia como reinvenção, a partir do imprevisível falecimento do pai, confere à Aisha, mobilidade para recriar sua realidade a partir da repetição de tentativas de fazer o tempo passar através do sono.

Figura 11 - Aisha e a ancestralidade



Fonte: Organizado pela autora.

Figura 12 - Aisha e o plano



Fonte: Organizado pela autora.

É na relação com sua própria ancestralidade, que Aisha por orientação da avó (fig 11) decide que seu sol não pode ser apagado, e que para isso depende dela uma atitude. É o conhecimento estabelecido através de uma relação de confiança entre criança e adultos, que revigora a esperança de Aisha, na busca de fragmentos de sol para retomar a alegria. Essa relação com o mais velho, de grande valoração na cosmologia Bantu, é ressaltada nas palavras de Fu-Kiau e Wamba:

Um ancião não é apenas uma ‘pessoa mais velha’, mas é alguém ainda mentalmente e espiritualmente forte e sábio o bastante, não apenas para manter a comunidade unida, mas acima de tudo, para construir a fundação moral da

comunidade jovem e das gerações que virão. (FU-KIAU; WAMBA apud MOREIRA, 2018, p. 154)

Ao observar o planejamento realizado por Aisha, o protagonismo dessa criança entra em cena, quando coloca o que sabe a serviço de uma grande responsabilidade afetiva e responsiva com a família, seus ancestrais e consigo mesma. O plano feito é a sintetização do que Rufino (2017, p. 40) infere como: “invocação da ancestralidade como um princípio ontológico, epistemológico e semiótico é logo, uma prática em encruzilhadas”

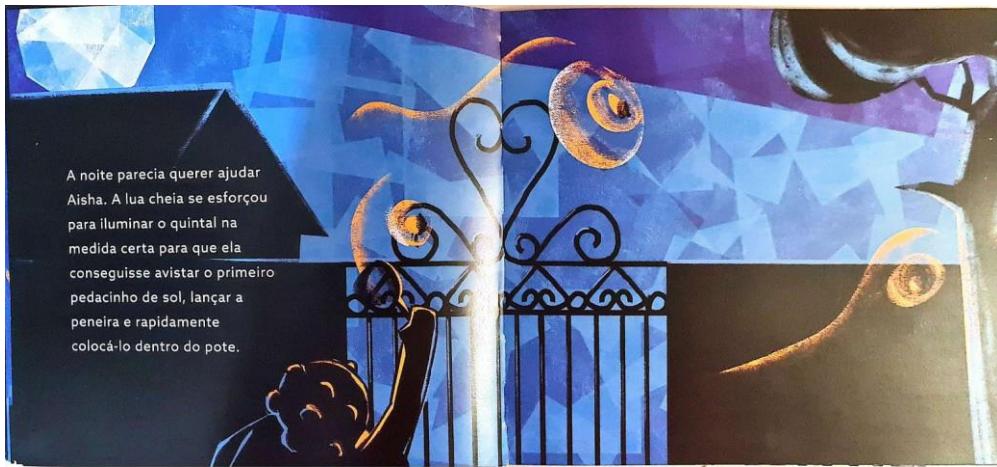
A brincadeira, inerente ao universo infantil, também premissa da lógica exúlica, toma um caráter de recriação coletiva (fig. 11). Ao transitar pelas encruzilhadas de saberes, Aisha através da ludicidade: “cuidou de sair para o quintal sem que nenhuma sombra visse, nem a sua... levava em uma das mãozinhas, uma sacola pesada, mas estava lá tudo o que ela precisava: uma peneira e quatro potes de vidro”.

Podemos destacar nesse trecho que as crianças, produzem saberes, articulam a cultura e recriam possibilidades. Presente, passado e futuro seguem nas encruzilhadas a partir dos saberes de Aisha e sua ancestralidade possuem. A morte, inscrita na lógica ocidental como o fim de uma existência, não impede que a reinvenção da família aconteça, pelas mãos de uma criança sensível e detentora de uma energia vital que retroalimenta um novo ciclo.

Interessante observar que a palavra morte não aparece em nenhum momento da obra literária, embora a trama se desenvolva a partir dela. Importante é ressaltar como a cosmogonia africana entende a morte como parte de um ciclo de interação. Nas palavras de Munanga:

A morte não tem um caráter trágico, pois significa apenas o desaparecimento de um ser cuja realidade última está inteiramente subordinada às entidades preexistentes, que sobrevivem em relação a ele: linhagem, sociedade, mundo. Como nunca se separou completamente deles durante a vida, ele não percebe a morte como uma ruptura total. Logo, ela não representa um corte, e sim uma mudança de vida, uma passagem para outro ciclo; o morto entra na categoria dos ancestrais, participando de maior fonte energética (MUNANGA, 2024, p. 63)

Figura 13 - Aisha e a noite



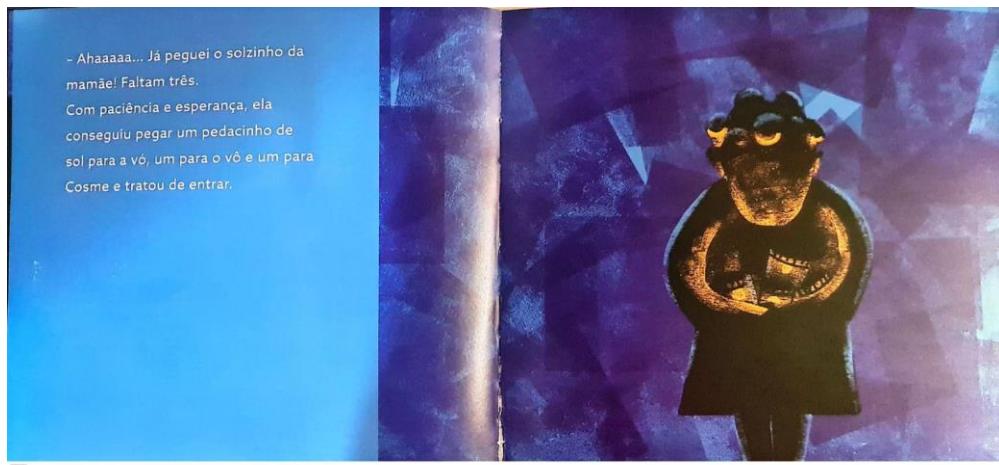
CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Organizado pela autora.

A menina que anteriormente se enche de ideias durante a noite, novamente coloca o que sabe em ação no escuro da noite, através do cuidado no trânsito pelas frestas. A noite aqui personificada, interage com Aisha. A lua em sua máxima potência vira personagem: “a noite parecia querer ajudar Aisha” o que podemos perceber na ilustração a partir do feixe de luz transversal que parte dela, de uma ponta da página a outra. (fig 13). Existe de fato uma interligação da luz da lua e os pedacinhos de sol que Aisha resgata. Na ilustração ainda é possível perceber que a peneira conduzida pela mão de Aisha, busca captar fragmentos de luz em espiral na cor amarela, ato que inspira grande expectativa. interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração estão presentes na personagem, que age na esfera espaço-tempo. Nessa perspectiva Aisha recria assim como Exu:

Exu como espiral do tempo, é um dos princípios fundamentais para a fundamentação do conceito de ancestralidade. É ele a liga das existências, o devir; o seu caráter como elemento procriador e comunicador nos permite o alargamento do tempo/espaço e a interação dos seres em perspectiva multidimensional (Rufino, 2019, p.130)

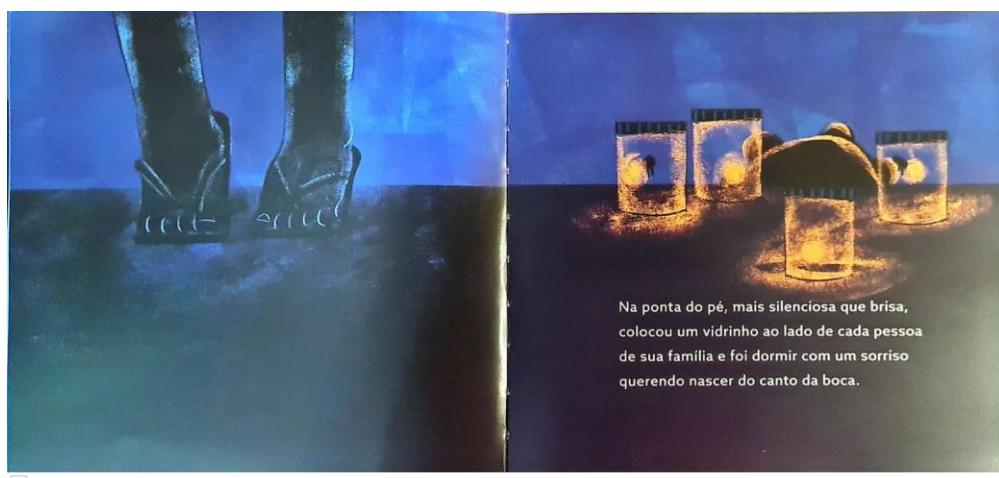
Figura 14 - Aisha e a esperança



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Organizado pela autora.

Figura 15 - Aisha e o sono



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Organizado pela autora.

Existe ainda um aspecto importante a ser considerado ainda na relação com ancestralidade e o protagonismo infantil, enquanto a presença de Exu, age nas insurgências como vimos até este momento da trama. Nas palavras de Souza:

A lógica exúlica excorpora o vínculo entre o acolhimento da criança em sua subjetividade e a continuidade de seu movimentar-se constante entre os tempos passado, presente e futuro, infância e ancestral. Então esse acolhimento está na consciência de que uma criança pertence, na mesma medida, a todos os adultos e de

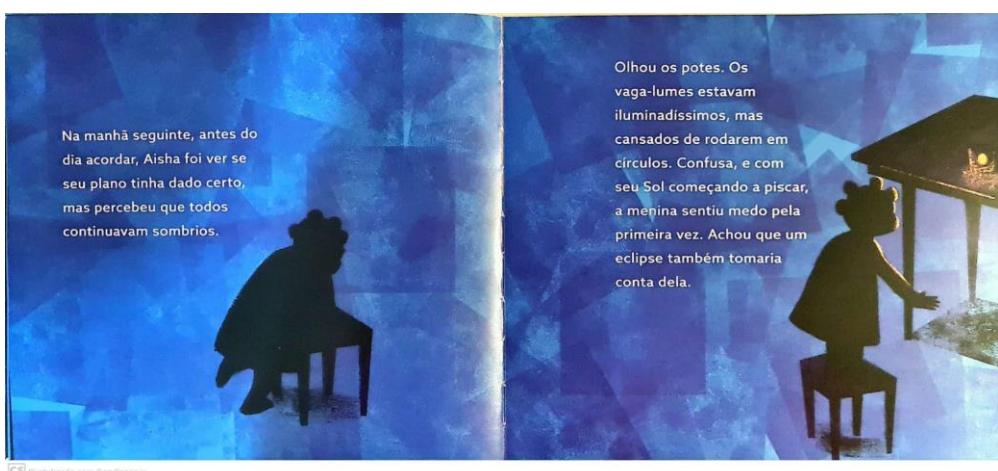
que, da mesma maneira, todos os adultos pertencem a essa criança (SOUZA, 2022, p. 216)

O cuidado expresso através do texto e da imagem, preconizam que o acolhimento é marca que reúne presente passado e futuro. Aisha ao reunir de forma minuciosa as luzes da mãe, avó, avô e irmão, sintetiza o encontro dos caminhos de todos, numa relação de continuidade e enlace (fig 14). Importante observar que a Relação de Aisha desde a captação de luzes até o acondicionamento destas em potes de vidros, revela a proximidade com a natureza na relação temporal, para a solução de uma questão que no caso da trama, se refere a luz individual de cada integrante da família, (p. 13-16), como demonstra Fu-Kiau (2020, p. 8) “nossa mundo natural é sagrado porque ele carrega ambos vida e morte em perfeito equilíbrio para manter toda existência nele em movimento”

A esse caráter de interdependência, Antônio Bispo dos Santos (2015) chama de confluência. Na convivência as características individuais não são perdidas. Segundo ele “a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas” (2015, p. 89). Ao depositar os vidros ao lado de cada pessoa da família, caminhando durante a noite, Aisha confluí com sua família numa relação em que passado presente e futuro coexistem. Está aí o protagonismo infantil, que transita entre esperança e criação, a partir da multiplicidade de possibilidades que o imaginário lhe oferece.

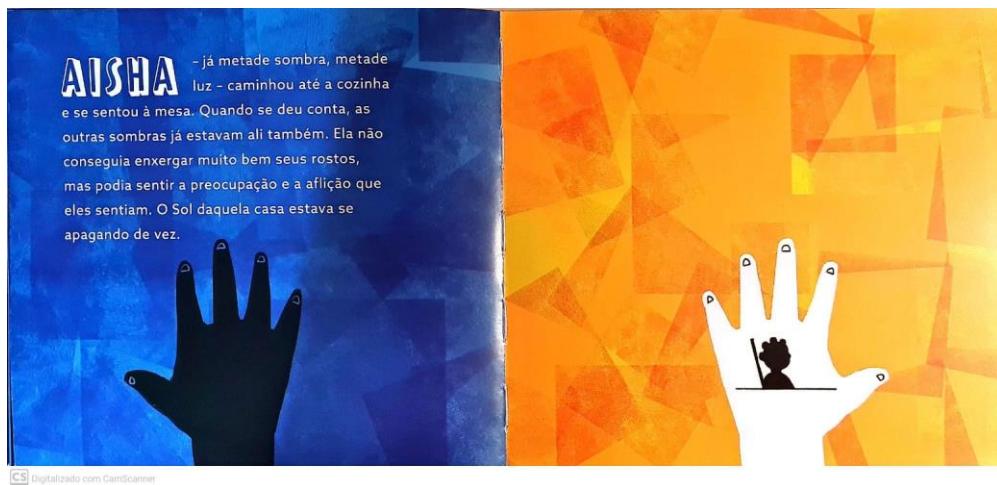
As páginas seguintes, sintetizam como a confluência relacionada a realidade de um mundo racional e dividido, pode interferir na força vital de cada um.

Figura 16 - Aisha e o amanhecer: um misto de emoções



Fonte: Organizado pela autora.

Figura 17 - Aisha com a luz e a sombra



Fonte: Organizado pela autora.

Com a informação de que as luzes resgatadas eram vagalumes que “estavam iluminadíssimos, mas cansados de rodarem em círculos”, nos deparamos com a realidade do amanhecer, onde os demais personagens ainda não se depararam com os feitos de Aisha. A criança que só aqui aparenta sentir medo, parece sucumbir a escuridão (fig 16). Aqui podemos perceber a relação entre luz e sombra através da coloração das páginas. A grafia do nome Aisha está presente em caixa alta, no lado azul da página, indicando que ali existe uma transição entre medo e esperança, pois Aisha “já metade sombra, metade luz-caminhou até a cozinha”. Esse ponto da narrativa pode indicar ao leitor que todos nós possuímos luz e sombra, em diferentes proporções e variações das energias vitais. Só existe sombra porque existe luz.

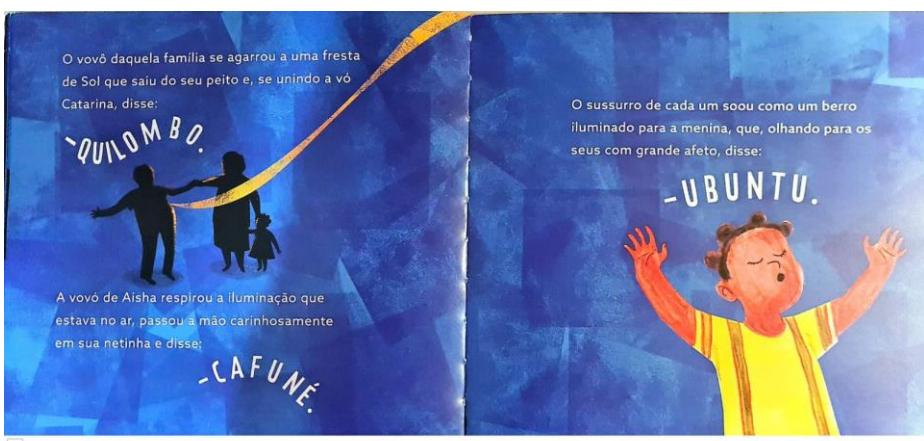
É nesse momento da narrativa que outra mudança acontece, e observamos a confluência em movimento.

Figura 18 - luz, sombra e ancestralidade



Fonte: Organizado pela autora.

Figura 19 - Confluência e Axé



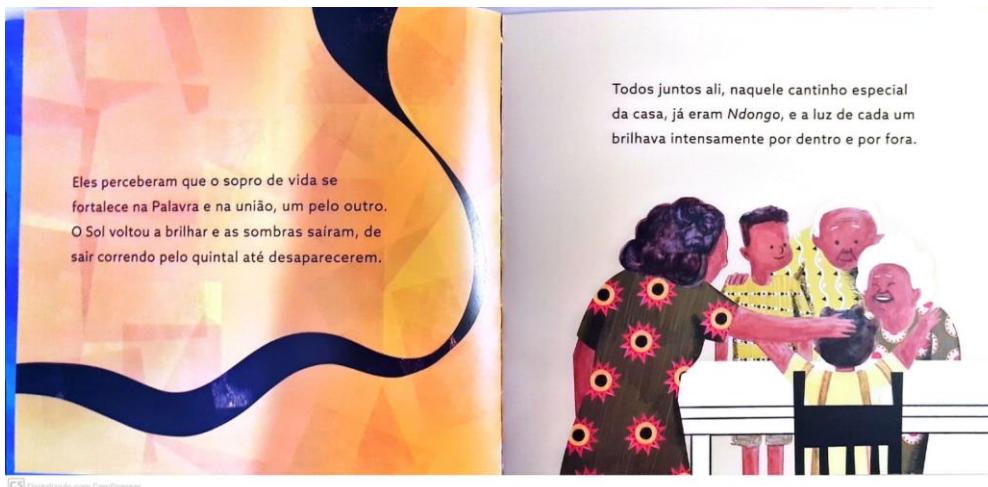
Fonte: Organizado pela autora.

Descobrimos que as sombras presentes na cozinha, eram os familiares de Aisha (fig, 16). A começar pela mãe (fig, 17), todos de unem entoando palavras²⁸ (fig.24), que as unem a ancestralidade. Observamos que Aisha e o irmão são a base para que os outros se mobilizem. A exemplo do que vimos na base da arte Kindezi, as crianças são a base para a continuidade da comunidade e da existência humana como um todo. Ambos utilizam do sol interno, da energia vital, para a mobilização do afeto (fig.18).

Ainda em se tratando de palavras notamos que a única palavra oralizada pela protagonista Aisha, na trama da história é “ubuntu”²⁹ (Fig.19). é descrita em caixa alta assim como as demais (fig.18)

A confluência conduzida pela união, nas encruzilhadas da diversidade que o cotidiano apresenta é que faz de Exu o grande mobilizador de vida, pulsão da vitalidade e Axé.

Figura 20 - Ndongo



Fonte: Organizado pela autora.

A seguir, na imagem (fig 20), observamos que a escuridão se esvai através de uma faixa preta, dando lugar novamente a luminosidade da casa de Aisha: “eles perceberam que o sopro de vida se fortalece na palavra e na união, um pelo outro” Mesmo após os

²⁸ Um destaque especial está no Glossário da obra literária, (fig.24) onde as palavras de Origem africana seguem listadas com o significado e origem, que juntamente com sugestões de outras leituras (fig.25) colaboram para a ampliação de conhecimentos afro-diaspóricos. O poder da palavra também é explicitado na figura 23 fazendo referência a filosofia Kindezi

²⁹ Ubuntu de origem bantu: eu sou porque nós somos.

enfrentamentos, e o luto a vida seguiu. Bunseki Fu-Kiau (2024) novamente colabora conosco nesse sentido quando em 1934 já afirmava que na cultura Bantu quando uma morte física ocorre, o ser permanece vivo e pode permanecer em meio a comunidade: “continua a agir e falar, e entre os membros da comunidade, assim como na comunidade do mundo, por meio de sonhos e visões, ondas radiações [...] não existe morte nem ressurreição, a vida é um permanente processo de mudança” (FU-KIAU, 2024, p.94).

Essa referência oferece as crianças um referencial de esperança, mesmo em meio aos enfrentamentos do cotidiano. E as crianças têm naturalmente o poder de ser esperançosas e principalmente, subversivas. O princípio de vida confluente entre palavra e união, é que inscreve as crianças como protagonistas na relação com a sociedade. Aisha (fig.20), com os braços esticados para o alto simboliza a renovação. Agora na presença dos quatro personagens dos quais a coleta da luz foi conduzida por ela, Aisha e sua família tomam novos rumos mesmo com a ausência física do pai, porém com a presença marcada pela certeza de que Ndongo³⁰ perpetua a energia vital, o Axé presente em cada um de nós.

O protagonismo de Aisha atua por diferentes meios, o que pode inspirar nas crianças o despertar para colocar em ação o que pensam a partir dos seus sentimentos, sejam eles quais forem. É claro que esse processo se torna mais fácil quando as crianças são estimuladas a serem participantes da vida cotidiana de sua família e comunidade. Quanto mais sabem sobre o mundo que as cerca, mais confluem com os adultos a pulsão de vida necessária a continuidade da condição humana na Terra.

³⁰ Ndongo: palavra de origem Bantu, significa sol.

Figura 21 - Fragmentos de sol



Fonte: Organizado pela autora.

A pulsão de vida que é concernente a condição da criança e da infância, só faz sentido se for vivida com e para a comunidade (fig.21). O simbolismo de soltar os vagalumes, se assemelha a entrega do que temos de melhor a uma condição coletiva de existência. Uma construção realizada pela permeabilidade do tempo. É o que assemelha a figura do Adinkra Sankofa³¹ (fig.21)

³¹ Os Adinkras são um conjunto de símbolos que expressam alguns valores conforme a diferenciação de imagens. No caso do Sankofa, se refere ao aprendizado com o passado. Para saber mais acesse: Tecnologia Ancestral Africana: Símbolos Adinkra – Espaço do Conhecimento UFMG

Figura 22 - vagalumes

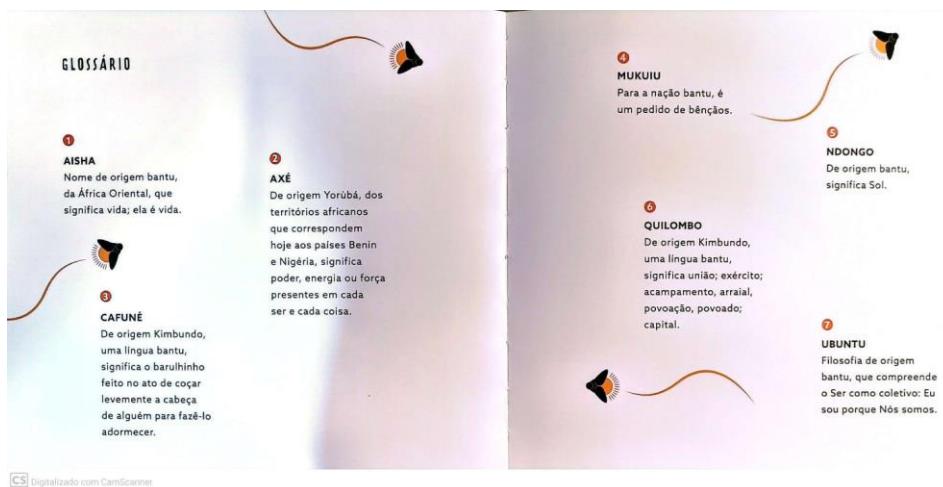
Fonte: Organizado pela autora.

O fim da história (fig. 22) é ilustrada com o voo dos vagalumes, onde as individualidades e confluências geram energia vital, circulam o axé e instauram vida ao que parece ter terminado. Mesmo que as noites venham, os dias serão iluminados pelo sol. Essa permeabilidade de cores em diferentes tons e os vagalumes circulando por e através do que aparecem ser recortes assimétricos de figuras em tons de amarelo, vermelho, laranja e branco assemelham-se às etapas em que o sol nasce e se põe, dando espaço também a escuridão.

Findada a história, as próximas páginas (fig. 23,24 e 25) de se dedicam a dar sugestões aos adultos, a respeito da ampliação de conhecimentos sobre a filosofia Kindezi: “para além de pais e professores” a obra conclama a possibilidade de todos acessarem os conhecimentos construídos historicamente para além da cultura ocidental. A ilustração do Búzio com o sol ao centro toma agora a proporção de duas cores, preto e amarelo, onde o núcleo se destaca com a cor amarela. Ao entorno do núcleo, traços na cor preta são inscritos do lado amarelo, e viceversa, sinalizando que as duas metades interagem e são pertencentes uma a outra, a força vital e marcada pelo equilíbrio destes.

Figura 23 – sol interno

Fonte: Organizado pela autora.

Figura 24 – glossário

Fonte: Organizado pela autora.

O glossário, (fig.24) pode servir como guia durante a leitura para termos que não são recorrentes no uso da língua portuguesa embora pertençam a ancestralidade brasileira. É relevante indicar que no glossário estão presentes figuras de vagalumes como uma continuidade da figura 22. É como se o glossário nos indicasse que as palavras ali presentes são uma extensão da narrativa. O glossário pode servir também de apoio para outras consultas e aprofundamentos que venham a surgir, ideia que é reforçada pela figura 25.

Figura 25- indicações de leitura



Fonte: Organizado pela autora

Inspirados pela amplitude interminável de interpretações que a obra *A Luz de Aisha* pode oferecer, podemos tecer algumas considerações finais do trabalho de pesquisa realizado até aqui no campo das encruzilhadas percorridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exu bebeu,
Exu curiou,
Exu vai Embora,
A Kimbunda mandou
(Ponto cantado)

Inspirada pelo meu próprio cotidiano em que diferentes infâncias são presentes no meu contexto diário, o trabalho com as obras *Pedagogia das Encruzilhadas* e *A luz de Aisha*, orienta olhares de diversidade para a produção literária afrocentrada destinada a crianças.

Desde a conceituação do Orixá Exu a partir da Obra *Pedagogia das Encruzilhadas* e a constituição cultural permeada pela colonização, o cerne do trabalho oferece elementos para a reflexão a partir da cosmogonia africana, na busca de outros olhares para o empoderamento de crianças na construção da contemporaneidade na sociedade. Para tal, a compreensão conceitual de termos como Axé, Exu, transgressão, política, estética, poesia entre outros, são essenciais para a compreensão da categoria infância e a necessidade da reparação histórica das culturas segregadas pela dominação colonial.

Exu, na relação de confluência entre ontem hoje e amanhã, é participante das realidades infantis, quando reconhecemos que a pluriversalidade deve ser alimentada nas crianças.

Nesse sentido, um imaginário alimentado pela ancestralidade brasileira precisa fazer parte do contexto social, cultural e artístico de crianças e adultos. Sobretudo no cotidiano das escolas de Educação infantil

A literatura negra para crianças, entendida aqui como a produção literária destinada a alimentar o imaginário infantil a partir de bases culturais afrodiáspóricas, passa por esse processo, sendo ela fundamental para inspirar o despertar nas crianças no pertencimento a uma cultura que lhes é de direito, e que faz parte de sua subjetividade, na construção de uma sociedade mais solidária que esteja ligada a sua ancestralidade.

Nessa tarefa são necessários a curiosidade, de uma criança, que brinca com a terra, a atenção e o respeito de um mateiro, e a sabedoria de um vaqueiro que conversa com os bichos via língua de chão para enveredarmos por aprendizagens que alarguem nossas subjetividades, recuperem sonhos e revigorem nossas existências. A aposta é que essa mirada nos dará fôlego e força para sair em defesa da aldeia. (RUFINO, 2023, p. 63)

O processo de alargamento da subjetividade é que se destinam as bases culturais afrodiáspóricas, pois observamos que a literatura negra para crianças é um campo em potencial a ser explorado pois quando “o conteúdo literário amplia o conhecimento do ouvinte, ou mesmo do leitor mirim, que passa a protagonizar junto do leitor/contador. Esse tipo de atividade literária contribui para o desenvolvimento da sensibilidade estética e amplia o imaginário, formando e aperfeiçoando estratégias de leitura de adultos e crianças” (SOUZA, 2016, p. 51).

Nesse sentido, corroboramos a com a ideia da literatura pensada para as infâncias pelo viés decolonial. Uma literatura pensada para a subversão e que considere as diferentes realidades que permeiam as infâncias e as crianças brasileiras. Por isso o sentido desse trabalho é inspirado nas diferenças e peculiaridades que vivo diariamente no trabalho e na

[A1] Comentário: Artigo literatura infantil e primeira infância: políticas e práticas de leitura (souza)

relação com as crianças, onde os marcos socioeconômicos atravessam lascivamente as existências de diferentes famílias.

A prática do trânsito pelas encruzilhadas não é novidade para as crianças. Muitas delas articulam no cotidiano, saberes aprendidos para que sobrevivam no sentido literal da palavra. Desde o ato de guardar merenda, até a participação nas tarefas cotidiana de subsistência da família, revelam que a relação com os adultos, ultrapassam as barreiras do que podemos mensurar com a pesquisa acadêmica.

A marca da colonialidade está longe de ser apartada das crianças, porém quando mobilizamos os saberes ancestrais de diferentes fontes, reconfiguramos o hibridismo apontado por Souza (2016, p.27), subvertendo a lógica dominadora a favor da vida e da diversidade. Nesse sentido, fortalecemos o conhecimento afim de indicar a força das encruzilhadas e o saber popular.

Algumas perguntas fundamentais para esse trabalho encontram algumas possíveis interpretações com relação ao protagonismo infantil, a literatura para crianças e a poética das encruzilhadas: Ao associar o protagonismo a ação de Exu, enquanto adultos podemos refletir sobre nosso papel, visto que a criança de hoje será o adulto de amanhã, e consequentemente ela definirá nosso futuro. Tal relação não apresenta início, meio ou fim, pois a perspectiva de tempo não é linear, tampouco do colonizador.

Logo, a contemporaneidade, marcada pela política, no sentido do viver como ato político, poético inscrito na pluralidade, e ético como premissa da vida, são parte de uma grande discussão epistemológica.

Assim como Exu transita por onde quer sem tempo e medida, que possamos aprender com o protagonismo infantil a amar a vida, compreendendo nossa história e a marca que deixamos sem DESPEDIDA, pois na espiral do tempo, “Exu matou um pássaro hoje com uma pedra que só jogou hoje”, já diria o ditado Iorubá.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. **A sociologia da infância no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura e conhecimento**. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2007.
- ANJOS, Cleriston Izidro dos; SOUZA, Ellen de Lima; CORREA, Núbia Cristina Sulz Lyra (org.). **Necropolítica e as crianças negras: ensaios na pandemia**. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2022.
- AZEVEDO, Luiz Maurício. **Estética e raça: ensaios sobre a literatura negra**. Porto Alegre: Sulina, 2021.
- BARBOSA, Márcio, RIBEIRO, Esmeralda (Org.). **Cadernos Negros 45: poemas afrobrasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2024.
- BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: CEERT, 2012.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BISPO, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI / UnB / CNPq, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2020.
- DEBUS, Eliane; BALÇA, Ângela. Literatura infantil portuguesa e brasileira: contributos para um diálogo multicultural. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 63-74, 2008.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2002.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (org.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2023.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (org.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- FU-KIAU, K. Kia Bunseki; LUKONDO-WAMBA, A. M. **Kindezi: a arte Kongo de cuidar de crianças**. Baltimore: Black Classic Press, 2000.

GOBBO, Gislaine Rossler Rodrigues; FERREIRA, Lucinéia Aparecida Alves. A brincadeira de papéis na educação infantil: atividade objetivada a partir da organização de espaços e da inserção de novos temas. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 14, n. 2, p. 268-283, jul./dez. 2018.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2019.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (orgs.). **Infâncias negras**: vivências e lutas por uma vida justa. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2019.

GOMES, Nilma Lino; TEODORO, Cristina. Do poder disciplinar ao biopoder à necropolítica: a criança negra em busca de uma infância descolonizada. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 01-31, 2021.

GUTFREIND, Celso. **A infância através do espelho**: a criança no adulto, a literatura na psicanálise. São Paulo: Artmed, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>.

KOHAN, Walter Omar; CARVALHO, Magda Costa. Atrever-se a uma escrita infantil: a infância como abrigo e refúgio. **Childhood & Philosophy**, v. 17, p. 1-30, 2021.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **África**, n. 18-19, p. 103-118, 1995.

MARIOSA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária, Londrina, Vagão vol. 8 (parte A), p. 42-53, dez. 2011.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

MOREIRA, Beatriz Rosa. Interlocuções entre a filosofia Bantu-Kongo e a prática do bem viver. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 6, n. 1, p. 158-177, 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e Sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

NASCIMENTO, Daniela Galdino. **O terceiro espaço:** confluências entre a literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/03. 2019. 356 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NJERI, Aza; RODRIGUES, Luana. **A luz de Aisha.** Rio de Janeiro: Rebuliço, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil:** elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: Publicação Ibeca, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 18, p. 28-47, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo. **A ancestralidade na encruzilhada:** dinâmica de uma tradição inventada. São Paulo (Cotia): ApeKu Editora, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão africana no Brasil:** elementos para uma filosofia afrodescendente. [2003] 2021.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007):** entrelaçadas vozes tecendo negritudes. 2010. 301 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Entre Orfe(x)u e Exunouveau.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, [2017] 2022.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Orfe (x) ue Exunoveau:** análise de uma estética de base afrodiáspórica na literatura brasileira. Fósforo, 2022.

PEREIRA, Simone dos Santos; NASCIMENTO, Iracema Santos do. Literatura infantil com personagens negras: narrativas descolonizadoras para novas construções identitárias e de mundo. **Espaço Pedagógico**, v. 27, n. 2, p. 481-495, 2020.

PESTANA, Cristiane; OLIVEIRA, Marcos. A morenização predominante na literatura infantil: um projeto de apagamento da identidade negra. **Verbo de Minas**, v. 21, n. 37, p. 150-169, 2021.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas.** Tese (Doutorado em Educação), UERJ, 2017.

RUFINO, Luiz. "IKINS E ENCRUZILHADAS." **Revista Espaço do Currículo** 13, no. 3 (2020): 381-88. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n3.54228>.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz. **Ponta-cabeça:** educação, jogo de corpo e outras mandingas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2023.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda:** educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

SABINO, Geruza de Fátima Tomé; LOURENÇO, Lucilene Gonçalves de Oliveira; SILVA, Davidson Bruno da. Racismo e representatividade da criança negra na literatura infantil: reflexões sobre o projeto de extensão e cultura “Construindo a Própria História”. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 21, n. 39, p. 170-182, jan./jun. 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomas Rosa Bueno. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** Quilombo Saco Curtume (Piauí): Piseagrama / Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. Autêntica Editora, 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e Miúdos:** Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto: ASA, 2004.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato:** a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOARES, Emanoel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação:** imagens, discursos e narrativas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU.** Autêntica Editora, 2006.

SOUZA, Renata Junqueira de. Literatura infantil e primeira infância: políticas e práticas de leitura. **FronteiraZ:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, n. 17, p. 43-59, dez. 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.